

**A mobilização do ativismo digital pelo movimento
Black Lives Matter:**

**Estudo de caso sobre as mortes de George Floyd e
Breonna Taylor**

Rita Alexandra Ferreira Ribeiro

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação
com especialização em Comunicação Estratégica**

Orientador: Jorge Martins Rosa

Abril de 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação com especialização em Comunicação Estratégica, realizada sob a orientação científica de Jorge Martins Rosa.

A toda a minha família e em especial aos meus pais que apoiam todos os meus projetos com uma dedicação inestimável.

A mobilização do ativismo digital pelo movimento Black Lives Matter: Estudo de caso sobre as mortes de George Floyd e Breonna Taylor

Rita Alexandra Ferreira Ribeiro

RESUMO

A ideia de que a internet é um meio que isola os indivíduos que a utilizam pode ser facilmente desconstruída e contrariada se olharmos para a forma como esta – e em especial as redes sociais que assumem um papel de ponto de partida - uniu pessoas que produzem informação democraticamente disseminada e mobilizou massas em prol de movimentos sociais, tornando-se imperiosa na era das Tecnologias de Informação. Mas não se ficou por aí. Os movimentos sociais digitais ou ativismo digital não se sumarizam à introdução da internet nos processos de comunicação do ativismo: o ativismo digital alterou o conceito, que outrora conhecíamos, de ativismo, espaço democrático, participação, mobilização, identidade coletiva (McCaughey & Ayers, 2003).

O presente documento pretende analisar, como exemplo de ativismo digital e que tem ganho cada vez mais espaço mediático, o movimento *#BlackLivesMatter* (As vidas negras importam) mediante análise de conteúdos da rede social Twitter. Irá ser explorada a dinâmica do movimento medindo a forma como os utilizadores do Twitter interagem com a mensagem do grupo em dois momentos específicos – duas mortes de dois afroamericanos -, procurando responder à questão: Que importância teve o Twitter – e qual o tipo de comunicação utilizada – no movimento *#BlackLivesMatter* (comparando a comunicação e interação obtida sob as mortes de George Floyd e Breonna Taylor)?

PALAVRAS-CHAVE: Internet, Redes Sociais, Ativismo Digital, Mobilização, Comunicação, *#BlackLivesMatter*.

ABSTRACT

The idea that the internet is an environment that isolates the individuals who use it can be easily deconstructed and contradicted if we look at the way it – and in particular the social media that assume a starting point role – brought together people who produce democratically disseminated information and mobilize masses in favor of social movements, becoming imperative in the Information Technologies era. But it will not stop here. Cyberactivism or digital activism is not limited to the introduction of the internet into the communication processes of activism: online activism has changed the concept we once knew of activism, democratic space, participation, collective identity (McCaughey & Ayers, 2003).

This dissertation intends to analyze, as an example of digital activism, which has been gaining more and more media space, the movement *#BlackLivesMatter* (Black lives matter) by analyzing the contents of the social network Twitter. The dynamics of the movement will be explored by measuring how Twitter users interact with the group's message in two specific moments - two deaths of two African Americans -, seeking to answer the question: How important was Twitter - and what type of communication used – in the *#BlackLivesMatter* movement (comparing the communication and interaction obtained under the deaths of George Floyd and Breonna Taylor)?

KEYWORDS: Internet, Social Media, Social Movements, Cyberactivism, Communication, *#BlackLivesMatter*.

Índice

<i>Introdução</i>	<i>1</i>
<i>Capítulo I: Comunicação e Mobilização</i>	<i>2</i>
I. 1. Comunicação como mobilizadora de massas no contexto do ativismo	2
I. 1. 1. Comunicação em sob a forma de imagens e o seu impacto no ativismo digital	4
I. 1. 2. O papel das emoções na comunicação online	6
<i>Capítulo II: Internet e Mobilização</i>	<i>8</i>
II. 1. Cibercultura e Ciberespaço	8
II. 2. Internet: um novo espaço democrático?	9
II. 3. Redes Sociais Online	11
II. 3. 1. Twitter e <i>hashtags</i>	11
II. 3. 2. Ativismo digital	14
II. 3. 3. Fragilidade nas redes sociais como alicerce para um ativismo digital	16
<i>Capítulo III: Black Lives Matter</i>	<i>19</i>
III. 1. O nascimento do movimento	19
III. 2. Os casos de George Floyd e Breonna Taylor	20
III. 2. 1. Breonna Taylor	20
III. 2. 2. George Floyd	22
III. 3. Protestos nos EUA	26
III. 4. <i>All Lives Matter</i> como movimento de contraprotesto	27
<i>Capítulo IV: Estudo de caso</i>	<i>29</i>
IV. 1. Metodologia	29
IV. 2. Processo de seleção dos dados	29
IV. 3. Seleção de variáveis	31
IV. 4. Recolha e tratamento de dados	34
<i>Capítulo V: Análise De resultados</i>	<i>35</i>
V. 1. Datas das Publicações	35
V. 2. Horas e horários das Publicações	37
V. 3. Número de seguidores	39

V. 4. Número de <i>retweets</i>	40
V. 5. Número de <i>likes</i>	42
V. 6. Número de comentários	43
V. 7. Número de <i>retweets</i> com comentário (<i>quote</i>)	45
V. 8. Análise dos <i>tweets</i>	46
V. 8. 1. Breonna Taylor	46
V. 8. 1. 1. Atitude (do produtor de conteúdo)	46
V. 8. 1. 2. Tema (do conteúdo)	47
V. 8. 1. 3. Sentimento	48
V. 8. 2. George Floyd	49
V. 8. 2. 1. Atitude (do produtor de conteúdo)	49
V. 8. 2. 2. Tema (do conteúdo)	50
V. 8. 2. 3. Sentimento	51
V. 9. <i>Engagement</i> relativo e <i>engagement</i> bruto	52
V. 10. <i>Co-Hashtags</i>	53
V. 11. Identificações	53
V. 12. Locais	54
V. 13. Imagens	54
<i>Capítulo VI: Interpretação e Discussão dos Resultados</i>	55
<i>Considerações finais</i>	58
<i>Referências Bibliográficas</i>	62
<i>Anexos</i>	70

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende responder à seguinte pergunta de partida: **qual a relevância da comunicação nas redes sociais em contexto de ativismo digital (no *Twitter*) para a disseminação de movimentos contra a discriminação racial como o *Black Lives Matter*?** Para isso, irei proceder à análise de dois casos específicos - George Floyd e Breonna Taylor – e comparar os conteúdos publicados no Twitter após e sobre as suas mortes. O objetivo desta análise será perceber qual a amplitude que um movimento social poderá ter numa plataforma como o Twitter. Pretendemos averiguar se o ativismo digital, motiva ou resulta, a posteriori, no ativismo presencial. Ou seja, que efeitos concretos é que o ativismo na internet produz. Para este último ponto, será necessário recorrer a uma investigação através da recolha de conteúdos dos meios de comunicação.

Como contribuição, esta dissertação pretende apresentar e aprofundar conhecimentos de relevância, referentes ao papel da internet e redes sociais na produção e propagação de ideologias e pensamentos. A comunicação utilizada na internet – nos seus vários formatos – suscita diferentes efeitos nos utilizadores. Motivo pelo qual o seu estudo também se torna imprescindível.

A relevância do tema assenta na crescente adesão a um modelo de exercício político democrático por meio das redes sociais que resultou em novos e mais consistentes movimentos sociais. Este formato de disseminação da informação – que pertencia, anteriormente, a um núcleo de comunicação que dispunha da exclusividade da informação, tornando-a incontestável e indiscutível – converteu-se num novo tipo de ativismo extensível a uma grande parte da população: ou, pelo menos, à parte da população que reúne condições para poder participar.

CAPÍTULO I: COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO

I. 1. Comunicação como mobilizadora de massas no contexto do ativismo

Toro & Werneck (1996) definiram a mobilização como a convocação de desejos para um determinado propósito, uma transformação na realidade que, se é detetada como necessária, é porque há algo que está a impedir o seu bom funcionamento. Mobilizar é, portanto, convocar a vontade de sujeitos que, à partida, vivem no meio social e que priorizam um sistema democrático, estão dispostas a responsabilizar-se para agir numa tentativa de mudança (a solução). Para que essa mobilização aconteça e, conseqüentemente, a mudança, é preciso que haja informação e que a mesma seja partilhada, gerando reflexão e debate (Henriques, 2013)

A adversidade da comunicação passa por, tocando nas emoções, mobilizar as pessoas sem manipulá-las. Isto porque, caso aconteça, estamos perante uma situação de imposição (Henriques, 2013). Para Peruzzo (1998), os movimentos requerem uma decisão coletiva, com bastante informação disponível, canais desimpedidos, autonomia, responsabilidade e representatividade.

Quanto à participação considera-se que esta seja imprescindível para os movimentos sociais e para a mobilização. As pessoas só irão interagir e tomar decisões se, por um lado, tiverem problemas e angústias comuns, e por outro, se partilharem visões, interesses e valores equivalentes (Henriques, 2013). Mas não apenas disso vive a mobilização. Peruzzo (1998) recorda ainda que questões culturais, históricas e políticas são também decisivas para a participação, uma vez que estão interligadas a uma tradição de consciência participativa. Por outro lado, e segundo Henriques (2013), talvez mais importante do que a participação, será a solidariedade, ou seja, o desejo ético de não querer perpetuar uma situação. Esta ação solidária poderá esclarecer-se pela provável existência de uma consciência e sentido de responsabilidade por um outro (que sofre).

De forma a que os movimentos sociais não se reduzam a *sets* ou conjuntos isolados de ações circunstanciais e com pouca adesão é necessária uma dinâmica que os incremente de forma solidificar a sua participação e interação. Para isso, a comunicação assume funções distintas. (Castells, 1999).

A mobilização é uma convocatória de visões e pensamentos comuns que visam uma alteração da realidade através de comportamentos estrategicamente pensados e

estabelecidos em consenso. Porém, e sendo a participação uma condição essencial para a mobilização, a principal função da comunicação é, reconhecendo a importância de cada um dos elementos do movimento, fomentar as ligações entre estes e os seus públicos. O principal objetivo destes movimentos é incrementar o sentido de responsabilidade em cada um dos seus participantes. Isto acontece quando cada um se sente responsável – e age em conformidade – pelo sucesso do projeto em vista. Para que isto aconteça, é necessário que seja clara a função de cada um e o planeamento de ações concretas de cooperação e colaboração. Só poderá ser possível se a comunicação estiver orientada nesse sentido para que seja eficazmente implementado o sentido de responsabilidade (Henriques, 2013)

(Henriques, 2013) considera o cumprimento de quatro funções como sendo essenciais na coesão dos públicos e dos movimentos: a difusão de informação, promoção da coletividade, registo da memória do movimento e atribuição de elementos de identificação com a causa e com o movimento.

Relativamente à primeira função, e uma vez que a rede comunicativa não sobrevive sem a difusão - em massa e segmentada da informação - (relativamente ao projeto), é crucial que estas estejam informadas sobre o movimento, propostas e valores pois só assim poderão formar uma opinião sobre o assunto em questão, mobilizar-se e partilhar pensamentos. (Henriques, 2013).

Não sendo a propagação da mensagem uma garantia de uma efetiva mobilização das pessoas, a promoção da coletivização é vista por Henriques (2013) como um fator motivacional na medida em que articula um caminho coletivo, um sentimento de que ‘não se está sozinho na luta pela mudança’, procurando mostrar que os restantes envolvidos atuam com um mesmo propósito, alimentando assim um sentido de pertença de grupo.

A memória da trajetória do projeto através da disponibilização de informações de resultados obtidos é outro dos fatores que fortalece a mobilização pois mantém presente a sua pertinência (Henriques 2013)

Por último, é da responsabilidade da comunicação fazer uma articulação de valores e símbolos que conduzem à identidade do movimento, através da produção de elementos simbólicos comuns que irão gerar reconhecimento pelos elementos do grupo e, conseqüentemente, motivar a interação entre todos. Estes elementos deverão traduzir-se nos valores do projeto e criar uma identidade comum e inclusiva. (Henriques 2013).

Quanto às características da comunicação no processo de mobilização, todas elas têm de estar de acordo com uma orientação ética que condenam interação manipulada e que seja descentralizada. Para que a comunicação se estabeleça desta forma e que seja adequada à mobilização social é necessário que seja dotada de certos atributos: é, antes de tudo, dialógica, libertadora e educativa. Essas características estão intrinsecamente relacionadas, não existindo isoladamente.’ (Henriques 2013)

Quando Henriques (2013) se referem a uma comunicação dialógica, significa que esta não resulta de uma transferência de conhecimento, mas de encontro de sujeitos que se relacionam e partilham saber, discutindo-o. O diálogo está por isso na base desta relação entre sujeitos, para que a mobilização seja bem-sucedida defendendo um interesse partilhado. Torna-se também libertadora, por não haver um sujeito a tentar manipular o outro, não havendo um sujeito que fica reduzido a objeto, mas dois (ou mais) que estão no mesmo nível de interação, problematizando uma realidade concreta. Nesse sentido, torna-se também pedagógica, já que o sujeito se molda ao longo da interação e partilha de conhecimento. Estes não estão apenas a absorver materiais simbólicos, mas a interagir com eles e a interpretá-los. A comunicação deverá atribuir referências para o objetivo final, adotando um cariz educativo.

A preocupação dos movimentos ativistas passou a ser a comunicação. É fundamental um planeamento da comunicação no caso da mobilização para que se crie um elo de ligação dos utilizadores para que fique esquecido o objetivo e valores do projeto em questão. Por outro lado, há a contrapartida deste se tornar demasiado burocrático, e menos espontâneo, e acabar por ter o efeito contrário ao pretendido, desvinculando assim os indivíduos. Conclui-se assim que a comunicação é crucial no desenvolvimento dos movimentos sociais, mas deve permanecer flexível de forma a não corromper a dinâmica e interesses dos seus envolvidos, assegurando a sua participação proativa e contínua. (Henriques 2013).

I. 1. 1. Comunicação em sob a forma de imagens e o seu impacto no ativismo digital

Sabemos que as redes sociais têm vindo a ser palco de movimentos sociais e produção de conteúdos nesses ambientes, mas interessa-nos particularmente perceber de que forma é que esses conteúdos se tornam conhecidos (ou, pelo menos, porque é que uns

se tornam mais conhecidos do que outros), uma vez que há vários conteúdos, questões, movimentos e ativistas a disputar pelo interesse e atenção dos utilizadores. Já vimos que o tipo de conteúdo da mensagem interessa muito aos usuários. Mas, dentro do mesmo tipo de mensagem e assunto, porque é que há uns que se destacam? Que características apresentam?

No entanto, quando falamos em relações comunicacionais, é importante entendermos que, para a semiótica discursiva, qualquer tipo de material constituído por linguagem não verbal – quer seja sonoro ou visual, por exemplo, - também é um texto embora a sua descodificação possa ser passível de mais interpretações do que outras representações feitas através da linguagem verbal. (Coelho & Costa, 2013)

A informação visual tem um poder de nos influenciar muito maior do que qualquer outra forma sensorial. Embora estejamos constantemente expostos a informação, não fazemos qualquer tipo de esforço quando se trata de uma imagem. (Ferreira, 2002)

As imagens têm o poder de apelar aos sentidos e emoções das pessoas e, por consequência, permanecer nas suas memórias. Segundo Joly (2007) as imagens podem ser vistas como uma mensagem visual composta por vários significados sendo, portanto, um tipo de linguagem, ou seja, uma forma de expressão e de comunicação que influenciam emocionalmente um sujeito, levando-o a querer e a concretizar os seus desejos, por exemplo, em formas materiais, como é o exemplo da comunicação visual utilizada na publicidade e alguns meios de comunicação. (Ferreira da Silva, 2014)

Estando o mundo onde o ser humano vive repleto de imagens visuais, este produz imagens mentais de estímulos que recebe ao ver imagens distintas. A forma como as descodifica e a forma como lhe atribui significados está relacionado com o conhecimento contextual. Pois algumas imagens, ainda que seja de percepção imediata, carecem de conhecimento e contexto suficientes para que seja possível uma interpretação correta e total. Esta interpretação varia de pessoa para pessoa e cultura para cultura. (Ferreira da Silva, 2014)

Segundo Silva (2017), constata-se que a imagem tem um papel crucial na construção das estratégias para tornar os conteúdos conhecidos, uma vez que através delas que se torna possível uma projeção local e global no meio das redes sociais.

As imagens, quer sejam fotografias ou vídeos, são portadoras de elementos sensoriais que produzem impacto para quem as vê, mas é também determinante perceber

de que forma a sua circulação, reprodução e divulgação se reflete na forma como são analisadas e interpretadas. (Silva, 2017)

Benkler (2002) levanta alguns motivos – recompensas – pelas quais os sujeitos participam em movimentos sociais. Segundo o autor, fazem-no por questões monetárias, motivações pessoais e motivações sociais e psicológicas. Nesta última acredita-se que o papel das imagens é um dos fatores principais que impulsiona essa motivação, como tendo um significado cultural que está associado ao ato, podendo assumir a forma de um efeito real.

A imagem é vista como um elemento que testemunha o episódio e, do outro lado, temos o público que interage com essas mesmas imagens, que as recebe e interpreta de várias formas. Estas têm um poder de cariz sociopsicológico que desencadeia maior força do movimento. (Tarcisio Torres Silva, 2012)

I. 1. 2. O papel das emoções na comunicação online

Há muito que se fala na influência das emoções nas ações dos utilizadores - vários confirmam até a sua relevância na comunicação online, em particular nas redes sociais - e essa é outra característica comum das mensagens dos *tweets*. (Shaw et al., 2013; Wang et al., 2013).

A *Emotional Broadcaster Theory* afirma que pessoas que demonstram as suas preocupações pessoais, servem como meios de notícias ao partilharem essas informações publicamente. Isto significa que, aquando de um transtorno causado por um conteúdo que viola a visão do mundo de uma pessoa, que emocionalmente fragilizada, partilhará mais facilmente essa informação (Harber, Podolski, & Dyer, 2014a). Estudaremos então neste capítulo, a forma como as emoções, quando refletidas numa publicação, têm impacto no número de partilhas e *retweets* (Keib, 2016).

Por norma, os utilizadores partilham mais momentos de angústia emocional e isso gera solidariedade e extensão de emoção fazendo com que outros utilizadores também transmitam a mensagem, criando uma cadeia emocional que fomenta a propagação da mensagem original (Keib, 2016).

Um estudo realizado por Keib (2016), que procurava perceber se o público se envolveria nas redes sociais através de um tema que tivesse importância e, ao mesmo

tempo, emoção, revelou que quanto maior a carga emocional de um *tweet*, maior atenção e participação resultará dele. Isto porque, segundo Kivran-Swaine & Naaman (2011), as experiências emocionais partilhadas carregam um conteúdo mais envolvente, gerando um maior número de partilhas.

A partilha de conteúdos para um público é uma forma demonstração de apoio a esse público. Por outro lado, dispensar tempo a fazer um *retweet* desses mesmos conteúdos, é uma forma de mostrar a importância e o valor dos mesmos para quem os lê. (Keib, 2016).

Embora tenham sido as redes sociais como o Twitter a difundir a mensagem do movimento e organizar as ações para as pessoas realizarem, as injustiças que provocaram ressentimento e raiva partilhados pelos utilizadores (ativistas) foram aquilo que chamamos de gatilho para a ultrapassar a barreira do medo e estimular a participação real nos movimentos sociais. Para o *#blacklivesmatter*, a raiva sentida pelos utilizadores na sequência da absolvição de Zimmerman após a morte de Trayvon Martin e as mortes de indivíduos negros por violência policial que se seguiram, foram o que desencadeou a participação ‘física’ na ação coletiva. As redes sociais serviram de fórum para a partilha de angústias e, utilizando o *hashtag* do movimento (*#blacklivesmatter*) vincularam indivíduos com sentimentos comuns. (DeHoratius, 2018)

CAPÍTULO II: INTERNET E MOBILIZAÇÃO

II. 1. Cibercultura e Ciberespaço

Quando McLuhan (1964) fala, na sua obra, do conceito de ‘aldeia global’ refere-se ao facto de a tecnologia e o seu desenvolvimento encurtar as distâncias e quebrar barreiras geográficas entre todos os seus utilizadores que seriam capazes de partilhar diferentes culturas, constituindo um “planeta reduzido a aldeia pelos novos meios”.

O fenómeno da cibercultura tem as duas raízes nos anos 70 com o rompimento da microinformática, convergência tecnológica e surgimento de computadores portáteis (Lemos, 1997), consequência do desenvolvimento das Tecnologias de Informação e da Comunicação que resultou em massivas transformações nos meios de comunicação. Para além disso, e como consequência da globalização da informação, verificaram-se transformações nas relações comunicacionais entre a população: que foi substituindo a carta pela utilização do e-mail e inseriu ainda a mobilidade digital através de dispositivos móveis (Lévy, 1998).

Estudar a Cibercultura - palavra de origem incerta que passou a ser comumente utilizada a partir dos anos 90 - significa estudar as componentes materiais, simbólicas, experienciais, históricas, ideológicas, políticas e económicas das novas relações que estabelecemos com o mundo, conosco e com os outros através da tecnologia. É também uma forma de pensar sobre como as pessoas e as tecnologias interagem (Bell, 2006), e retrata todo um conjunto de práticas, técnicas, pensamentos e atitudes ocorridas no ambiente virtual – o ciberespaço. Motivo pela qual Pierre Levy (1999) afirma que estes dois termos estão intimamente ligados: um depende do outro. A evolução tecnológica concebeu um espaço com incontáveis significados e uma consequente disseminação de informação num ambiente aberto e interativo, que Levy definiu como ciberespaço: o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” (p. 92). O seu crescimento deve-se, não apenas ao aumento de computadores, mas também à heterogeneidade qualitativa de quem os utiliza e disponibiliza informação. Entre os vários agentes responsáveis pela expansão da rede está a possibilidade de este meio conseguir integrar vários meios num único (Lévy, 1998).

II. 2. Internet: um novo espaço democrático?

A internet tornou-se, e é hoje, o principal e dominante sistema de conhecimento e investigação da sociedade moderna, alterando a figura de um polo de comunicação com exclusividade sobre a informação (que era visto como inquestionável), modificando as linhas da comunicação e a difusão de mensagens, algo que Jenkins (2009) apelidou de cultura participativa. Este termo designa a mudança na forma como a sociedade se relaciona com os meios de comunicação com o surgimento e adesão popular da internet, provocando inversão dos papéis de produtores e consumidores de informação motivada pelo distanciamento da condição de recetora passiva. Castells (2008) descreve a internet como um espaço social, cada vez mais diversificado a partir das tecnologias de acesso móvel a ela” (p.227). E embora as barreiras geográficas não desapareçam fisicamente, surgem, a cada dia, novas relações e formas de relacionamento: consequência da utilização de novas ferramentas de comunicação digitais. Quando um sujeito passa a ser um potencial produtor e reproduzidor de informação na internet, está a criar redes de informação ao partilhar as suas opiniões – e, ao permitir que outros a partilhem ou desaprovem – transforma uma informação pessoal para comunitária. (Lemos e Cunha, 2003, p. 11). As transformações tecnológicas, e o conseqüente aumento da interação na internet incrementaram a criação de plataformas mais interativas com espaço para reflexão e debate a partir do universo digital, que foram amplamente divulgadas pelos seus utilizadores pelas novas possibilidades comunicacionais que traziam. (Coelho & Costa, 2013). Os utilizadores começaram a interagir sob a forma de *retweets*, *likes* e *posts* nas diversas plataformas sociais onde, através de agentes multiplicadores, com um *click*, tinham a capacidade de responder, reclamar e denunciar conteúdos. (Coelho & Costa, 2013).

Este novo conceito onde uma pessoa singular pode produzir, exprimir pensamentos e disseminar ideologias de forma pública com grande alcance era algo inovador- mas não totalmente, pois por essa altura já tínhamos plataformas como os blogs e fóruns - uma vez que esse poder estava centrado nos meios tradicionais até então. Esse é o principal motivo pela qual, viabilizando um ambiente participativo e descentralizado, tem sido largamente utilizada, por exemplo, pelas ONG's, partidos, sindicatos e movimentos sociais e que potenciou ambientes de discussão e ativismo onde se multiplicam as vozes da sociedade num fórum online. Quando nos anos 90 a internet começou a fazer parte do mercado e a expandir-se até novas comunidades, também o

ativismo digital se começava a difundir por outros grupos sociais, viabilizando assim a difusão da informação e do conhecimento a um mais alargado número de indivíduos. (Sebastião, 2012). Estes fatores incrementaram em grande escala o número de participantes num curto intervalo de tempo, tornando evidente o potencial do digital no desenvolvimento do ativismo (Coelho & Costa, 2013). Embora, conforme afirma Joyce (2010), já existisse ativismo digital na altura em que a internet começou a ser comercializada – em meados de 1990 – esta não era largamente disseminada. Foi no início do século XXI que as ações coletivas começaram a ser lentamente partilhadas no mundo digital. (Coelho & Costa, 2013).

Esta adesão e participação surgiu de um público que, numa fase inicial, não se apoiava no ideal do ativismo nem foram construídas com essa finalidade, embora, mais tarde, alguns utilizadores tenham percebido a potencialidade das redes sociais para esse efeito, uma vez que o ciberespaço deu voz a um maior número de pessoas que interagem entre si. (Roger, 2013).

A consciência da relevância da internet da difusão de informação e, neste caso específico, de reivindicações comunitárias, fez com que os ativistas, cientes do potencial deste universo virtual, o acolhessem: o contrário retardaria o progresso das suas atividades e resultaria num isolamento digital. Perceberam a potencialidade do ciberespaço na questão do ativismo, uma vez que poderia dar palco a causas, vozes e grupos distintos (Sebastião, 2012) que se somam e misturam por se tratar de um universo com um conceito quase pleno de democracia. Apesar de assistirmos a alguns casos de mau uso na internet, esta mostra-se, até hoje, “a ferramenta interativa mais acolhedora que a humanidade já criou visto que no ciberespaço podemos manifestar nossas aspirações, opiniões, *achismos*, doutrinas, etc. Tem-se um espaço de reflexão e informação que interage e acolhe o homem moderno.” (Coelho & Costa, 2013).

Ou seja, segundo Coelho & Costa (2013), a transformação no universo digital foi a amplificação do conceito de interação, dando a liberdade de qualquer um poder pronunciar-se sobre qualquer tema e tornar-se ‘produtor de conteúdo e consumidor crítico do que lê’. (Lemos, 2003) A facilidade com que as pessoas passaram a interagir gerou novos movimentos sociais com uma luta mais firme e consistente, que resultam num novo modelo de ativismo. (Rizoma, 2017)

Através destas ferramentas de interação, o universo digital constituiu uma ferramenta imprescindível para o ativismo no século XXI uma vez que, pela sua

capacidade de dinamizar debates e expandir informação a um vasto número de pessoas, melhora a qualidade e amplitude das discussões. (Coelho & Costa ,2013)

II. 3. Redes Sociais Online

Vários significados são dados à palavra ‘rede’ consoante a disciplina de que se trata. Quando o assunto é informática, empregamos a palavra rede a ‘rede de computadores’. (Gomes, 2012) Vamos por isso, e antes de estabelecermos um conceito para redes sociais online, esclarecer as definições de rede e redes sociais para o assunto em questão.

A rede é uma estrutura descentralizada sem limites, estabelecida por meio de relações horizontais e cooperação, não havendo qualquer tipo de hierarquia (Gomes, 2012). As redes sociais são uma representação de um conjunto de participantes autónomos que partilham ideias e recursos em torno de um interesse comum. Recuero (2004, 2009) acrescenta ainda que a interação é a matéria prima das relações sociais. (Marteleto, 2001).

As redes sociais online são, portanto, relações viabilizadas por plataformas desenvolvidas para conceder a interação entre vários atores sociais num mesmo espaço virtual. Esta interação é gerada através de publicação de conteúdos, comentários, partilha de informações e conhecimento, independentemente das suas relações concretas. (Gomes, 2012).

II. 3. 1. Twitter e *hashtags*

O *Twitter* é uma rede social criada em março de 2006 por Jack Dorsey – atual CEO da empresa - Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass e lançado em Julho de 2006 nos Estados Unidos. A ideia era que o *Twitter* se tornasse uma plataforma de transmissão de mensagens curtas na internet, com uma limitação de caracteres tal como acontecia com os SMS. Para além disso o conteúdo seria efémero e os seus utilizadores não seriam obcecados por voltar atrás no tempo e ver o que tinha sido partilhado enquanto tinham estado *offline*. (Rogers, 2013)

Aquilo que no início era uma fonte de partilha de informação que Rogers (2013) considera 'inútil' e trivial assente numa plataforma que questionava aos utilizadores ‘o

que estavam a fazer?’, evoluiu para uma máquina de notícias, acompanhamento e participação em eventos mediáticos - chegando mesmo a ser palco de uma revolução no Médio Oriente - e meio de antecipação - tendo previsto o mercado de ações -, aquando de uma transformação na sua estrutura como rede social ao substituir a sua pergunta para ‘o que está a acontecer?’. Esta modificação alterou a natureza da rede social e, inevitavelmente, a forma como os utilizadores passaram a empregá-la. (Rogers, 2013)

A sede de partilha de informações nas redes sociais fomentou uma necessidade de saber e de se estar informado para poder participar nas discussões do *Twitter*, sendo que dois dos principais aspetos considerados de especial relevância e que geram mais partilhas estão relacionados com a importância do *tweet* (ou seja, do assunto) e as emoções expressas no *post* (Keib, 2016).

Keib (2016) coloca então a seguinte questão: Sabemos que os utilizadores partilham informação no *Twitter*, mas será que essa informação é relevante? Naveed et al. (2011), afirmam que os temas de grande importância são mais partilhados no *Twitter* do que assuntos pessoais. Para além disso, os utilizadores que utilizam esta plataforma à base de *retweets* têm como objetivo envolverem-se em diálogos e não apenas partilhar detalhes do seu dia a dia. Nesta rede social procuram construir uma comunidade maior e trazer mudanças sociais. Chegou-se então à conclusão de que o conteúdo de interesse público, ou seja, aquele que é considerado importante, é também aquele que é mais frequentemente partilhado e discutido no *Twitter* Keib (2016). E aqui, quando se fala de ‘um tema importante’ (ou digno), trata-se de conteúdo que contribui para a informação e educação da sociedade sobre temáticas nacionais ou internacionais que, à partida, os tornará eleitores informados. Nessa ótica, definimos conteúdo importante quando cobre assuntos de cariz político, económico, cultural e até de religião e artes, e finalmente público, na medida em que está relacionado com o bem-estar dos cidadãos tais como temáticas relacionadas com a saúde (Keib, 2016).

Não é coincidência o facto de o *Twitter* ter conseguido crescer para além desse ambiente digital, tendo sido palco de movimentos como o *#BlackLivesMatter*. Em primeiro lugar porque está intimamente ligado a um ambiente digital mais abrangente, uma vez que os sites oficiais estão, muitas vezes, associados a redes sociais, permitindo que os usuários capitalizem a capacidade de amplificar o que está a ser produzido em cada local. Por outro lado, e uma vez que o Google tem a capacidade de indexar os *tweets*

(públicos) rastreáveis ficando ao alcance de utilizadores que nem sequer precisam de ter uma conta no Twitter. (Freelon, Mcilwain, Clark, 2016).

Mas não foram só os movimentos sociais que deram uso ao Twitter. A comunicação política também chegou à plataforma. Embora a dimensão das mudanças que a internet provocou no meio da comunicação política seja pouco clara, há poucas dúvidas se estas de facto existem ou não. Segundo Parlamee (2012), há três objetivos específicos associados ao uso deste microblog daqueles que seguem líderes políticos: obter informações políticas de forma rápida e sem filtros; poder fazer parte do processo político ao invés de ser um mero recetor de informação; ter uma ferramenta de negócio para quem trabalha na área ou necessita de fazer cobertura mediática sobre o assunto. Por outro lado, os líderes procuram disseminar mensagens e informações sobre as suas políticas e também sobre a sua personalidade - ainda que a interação com os utilizadores seja ainda um objetivo secundário. A chamada Eleição do Twitter - uma campanha presidencial que confrontou Donald Trump e Hillary Clinton - foi marcada pelo seu desenrolar em formato de *tweets*, quer por jornalistas e eleitores como pelos próprios candidatos desde o primeiro debate presidencial e até ao último dia antes das eleições. Isto resultou em mil milhões de publicações relacionadas com as eleições presidenciais que resultaram na vitória de Donald Trump: não apenas como presidentes dos Estados Unidos, mas também do Twitter com 13.217.531 seguidores no momento em que foi eleito, uma grande maioria de *likes* e o dobro de *retweets* face à sua rival. O exemplo de Trump - alguém que na altura poderia vir a estar à frente da maior potência mundial (e que veio a confirmar-se) - é alvo de atenção pelo facto de as suas opiniões e decisões serem capaz de influenciar toda a política internacional. O que o diferencia é o amplo uso que faz das redes sociais (especialmente o Twitter) para se pronunciar, tendo consciência da forte influência que estas têm na formação da opinião pública, e a abordagem superficial dos temas sem entrar em discussões mais profundas. (Lima, 2020)

As redes sociais, e em especial as *hashtags*, vieram mostrar padrões que antes eram impercetíveis. Estas anotações permitem que os utilizadores rastreiem temas e conversas, mas a evolução do seu uso é pouco conhecida: porque motivo algumas hashtag permanecem enquanto outras são apenas momentâneas?

As *hashtags* surgiram pela primeira vez no Twitter em 2007, cerca de um ano após o nascimento da plataforma, sob proposta do tecnólogo Chris Messina que pretendia utilizar o símbolo # como ingrediente de um sistema de *tag channels* de forma a que fosse

mais fácil para os utilizadores seguirem uma determinada conversa ou tema. A ideia era formar grupos de interesse no Twitter com base em interesses comuns, embora a princípio não tivesse tido grande aceitação por parte dos utilizadores. No entanto, aquando dos incêndios de San Diego, houve um grande interesse em rastrear o assunto (em parte, pelo esforço de Messina em que fosse utilizada a hashtag para coordenar informações). Com o tempo, a prática foi incorporada nos hábitos dos utilizadores da plataforma. (Burns & Burgess, 2011).

Ou seja, as pessoas sabiam que havia coisas a acontecer, mas a perceção que tinham era que se tratavam de eventos isolados. Esses incidentes eram descritos como isolados e individuais. Hoje conseguem ver que há um padrão contínuo de segregação e racismo. As plataformas de redes digitais expõem a forma como certos acontecimentos isolados afinal se inserem em padrões mais generalizados, por exemplo de violência policial, violência de género, etc., ou seja, destacam e expandem questões previamente isoladas e desconectadas, permitindo que os movimentos sejam sentidos e absorvidos pelo mundo todo. O movimento continua assim a utilizar *hashtags* para vincular eventos e situações de injustiça, enfatizando as situações padrão, encorajando e defendendo a mudança de postura através de protestos e ações. Como analisado em vários estudos, o movimento *#BlackLivesMatter*, tem vindo a crescer e a ser reconhecido – resultado da promoção do movimento nas suas plataformas digitais – criando mudanças reais e disseminando a sua mensagem de forma eficaz que, por sua vez, trabalha no sentido de organizar protestos físicos e envolver também pessoas que poderão não ter conhecimento sobre essas questões. (DeHoratius, 2018)

II. 3. 2. Ativismo digital

Podemos definir um movimento social como uma teia de interações informais entre um conjunto de indivíduos, grupos e/ou organizações que se envolvem num conflito de natureza política ou cultural com base na identidade coletiva partilhada. (Diani, 1992). São interações coletivas baseadas em grupos de pessoas que partilham de uma mesma opinião e visão em relação ao determinado tema para encarar conflitos políticos ou culturais gerando ação social como campanhas, petições ou protestos, tendo em vista uma mudança social a nível sistémico (ou não). (Diani, 1992)

Tradicionalmente, damos o nome de ativismo a uma doutrina ou envolvimento rigoroso que tenha em vista um determinado objetivo político e ativismo digital a um tipo de ativismo que se expressa utilizando a infraestrutura de rede digital, embora o meio onde a interação acontece seja um ponto de partida, mas não um ponto final neste tema. É importante frisar que a forma como os ativistas exploram a internet está dependente de fatores económicos, sociais e políticos, algo que será desenvolvido mais à frente. (Sivitanides & Shah, 2011)

Os movimentos sociais estão, cada vez mais, a recorrer às redes sociais – e em particular ao *Twitter* – para alcançar públicos novos e existentes. Ainda que historicamente não consigam desvincular-se dos meios tradicionais para chegar a esses públicos (Keib, 2016), nos dias de hoje, qualquer indivíduo – ou pelo menos qualquer indivíduo que tenha acesso à internet -, pode ser parte ativa de um movimento social através das redes sociais. É possível divulgar as suas opiniões partilhando ou *retweetando* como aconteceu em 2013 com o movimento *#BlackLivesMatter*, expandindo as questões sociais a uma escala mundial e trazidas para primeiro plano nos meios tradicionais. O movimento contra o racismo e violência policial não teria provavelmente a dimensão que teve se não fossem as redes sociais a impulsioná-lo. (McDonald, 2019; Stepanova, 2011) A qualidade do conteúdo fica, ainda assim, por avaliar (Keib, 2016).

Aos movimentos sociais que ocorrem nas redes sociais denominamos de ciberativismo (Carty & Barron, 2019), ativismo digital (Gill & Orgad, 2018; Mendes & Ringrose, 2019) ou ainda de movimentos *hashtag* (Xiong, Cho, & Boatwright, 2019) que advém do uso dos *hashtags* para divulgação e partilha de informação.

O conceito de ativismo digital, que ao longo dos tempos tem vindo a ser debatido, em especial, relativamente à importância e papel das redes sociais nestes. movimentos, é descrito por Moraes (2001) como sendo um fenómeno que se deu através das transformações tecnológicas de informação e comunicação que propiciaram o diálogo entre os indivíduos contribuindo assim para a organização de eventos e fóruns no âmbito de determinadas causas. Este novo modelo de ativismo vem recuperar aquilo que estava suprimido da interação na vida política, aumentar a representatividade social e atuar sob forma de redes de cooperação e solidariedade, tendo a comunicação desempenhado um forte papel no processo de mudança dos movimentos sociais. (Henriques, 2007).

O uso dos *hashtags* é omnipresente na política das redes sociais. Os utilizadores usam-nos para criar um fluxo de informação sobre um assunto de forma a poder ser

facilmente rastreável por qualquer outro utilizador, outros podem usá-lo para exprimir um pensamento ou opinião associando uma ideia política a outra. Ao utilizar um *hashtag*, o utilizador está a conectar conteúdo, a compor uma conversa e a introduzir um significado a um campo discursivo que, quando bem sucedidas criam comunidades de usuários com pensamentos equivalentes que mantêm diálogos e se mobilizam fora do campo online. Por outro lado, a natureza recetiva da internet não impede a intervenção de atores contramovimento, uma vez que estes podem usar *hashtag* para argumentar ou refutar a retórica apresentada por um movimento, por ser difícil avaliar algoritmicamente o contexto de cada mensagem, se é positiva ou negativa (Ince, Rojas & Davis, 2017).

II. 3. 3. Fragilidade nas redes sociais como alicerce para um ativismo digital

Como já vimos, o aumento do universo de debates potencia a diversidade de opiniões (Fiorin, 2014), motivo pela qual as redes sociais constituem suportes indispensáveis na propagação de debates e interações. Para além disso, questões que poderão tomar proporções imprevisíveis carecem de resoluções de similar dimensão. As proporções tomadas nessas questões estão na origem de vários fatores. Um deles é o incalculável aumento de participações em debates que outrora não era possível: produto dos avanços da tecnologia. (Coelho & Costa, 2013). Mas é preciso perceber que os movimentos sociais se enquadram em questões sociais e desenvolvem-se a partir da interação dos utilizadores, ou seja, há um processo de construção de significados que faz com que o público do movimento compreenda uma situação social de uma forma específica – algo que é comum aos meios de comunicação tradicional. Com as redes sociais, os indivíduos passaram a ter interações mais complexas com os movimentos, estar em contacto com os ‘líderes’ dos movimentos, debater a sua legitimidade e contribuir para o discurso geral à volta dos movimentos, afetando assim o enquadramento e moldando também o seu crescimento (J. Ince et al., 2017). Outro fator está relacionado com a liberdade inerente a este tipo de plataformas – em especial a liberdade de expressão – e a descentralização e ausência de hierarquia do debate contrariamente ao que acontece normalmente em debates que ocorrem numa estrutura física (Santaella, 2004). Embora estas ações possam surgir no meio do online e ocorrer no meio virtual, não se restringem apenas a ele: procuram também uma mudança comportamental. (Rizoma, 2017)

Coelho & Costa (2013) afirmam que ‘o ativismo digital dá voz às nossas reivindicações, das mais ínfimas às mais virtuosas, o que fomenta a língua(gem),

contribuindo para a concretização de um processo social – e, a princípio democrático – das redes sociais.’ A questão, será perceber se a internet e este novo espaço público, onde ‘todos’ podem ser criadores de conteúdos e ter voz em qualquer assunto, é assim tão inclusivo, equilibrado e harmonioso como pensamos. Se por um lado as redes sociais têm um papel fulcral no processo de democratização e participação pública, por outro lado, são limitadas na medida em que o acesso às mesmas se torna um pré-requisito para a mobilização. Esta situação origina um novo tipo de hierarquia nos próprios movimentos sociais: observamos aqui diferentes graus de literacia relativamente às tecnologias e também capacidades técnicas distintas. Joyce (2010), acrescenta que o ativismo digital se refere tanto à tecnologia digital utilizada numa determinada campanha de ativismo como aos seus contextos económicos, sociais e políticos onde essa tecnologia se insere. A infraestrutura tecnológica é o início, mas não o fim uma vez que esses contextos alteram a forma como essa tecnologia é utilizada pelos ativistas. Isto leva a diferentes resultados do ativismo digital, uma vez que a interação é variável conforme o contexto. O poder económico dos ativistas digitais dita o seu tipo de participação nos movimentos. Por exemplo, nos países mais ricos é possível que a internet seja mais rápida do que nos países mais pobres, que poderá resultar numa maior participação relativamente aos países mais pobres. (Joyce M., 2010)

Contextos políticos também têm influência sobre o ativismo. Há governos repressivos que controlam o acesso às tecnologias, rastreiam o discurso político online e bloqueiam aplicações utilizadas pelos ativistas que chegam mesmo a ser perseguidos *offline* e até presos. Em que países como África, por exemplo, as empresas estatais monopolizam historicamente os serviços de comunicação (como a internet). (Joyce M., 2010)

Gladwell (2010), entre outros autores, aponta também alguma fragilidade nas redes sociais como alicerce para um ativismo digital consistente e duradouro. Segundo o autor, estas são eficazes na ampliação da participação, mas aquando da falta de controlo por uma autoridade central e única poderão tornar-se suscetíveis a conflitos e erros. Ainda que a internet se tenha tornado um meio essencial de expressão e organização para manifestações, esta é apenas uma partida inicial para uma batalha que de nada valerá se a luta não se fizer nas ruas com protestos. (Cassiano, 2011)

As discussões sobre o ativismo digital tendem, geralmente, a concentrar-se no papel dos ativistas como estando no epicentro do movimento, embora, como referem Ince, Rojas & Davis (2017), fique um pouco por discutir a forma como o público interage com

esses *frames* oferecidos pelo movimento, que é especialmente importante para estes movimentos contemporâneos ao partilhar os seus argumentos e pensamentos nas redes sociais, pois permitem que uma ampla população molde ou altere a mensagem do movimento. Esta interação é de extrema importância pois é um dos processos, de vários, que irá moldar o desenvolvimento – e até os resultados finais – de um movimento.

Mas assim como o ativismo digital, as redes sociais não estão isentas de gerar outros tipos de movimentos que podem desvirtuar a democracia tais como as *fake news* e os discursos de ódio. (Borghini, 2021)

Relativamente à (in)eficácia de uma mobilização de massas através das redes sociais as opiniões divergem, ficando a resposta em aberto, uma vez que, como foi anteriormente referido, é difícil ter convicção por estar em constante transformação e desenvolvimento, não só o corpo social, mas a internet e as redes sociais. (Cassiano, 2011) Podemos talvez assumir que cada caso terá a sua própria resposta e desenvolvimento.

Ince, Rojas & Davis (2017) discutem ainda no seu estudo de caso as limitações do uso das redes sociais para enquadrar o movimento e o seu alcance, é o facto de, por apenas 1% da população ativar a função de geolocalização do *Twitter*, há muito poucos dados geográficos e por isso é difícil localizar os utilizadores de forma a perceber quais são as condições locais de cada um. Para além disso, é muito difícil rastrear uma *hashtag* específica e estudar sistematicamente as discussões a ele associadas. Por exemplo, ainda que seja possível identificar *#BlackLivesMatter*, é difícil avaliar algoritmicamente o contexto em que a mensagem está inserida: se é negativa / positiva ou a intenção da mensagem.

As redes sociais são os elementos mais visíveis em contexto de ativismo digital que mudam constantemente por viverem muito das ‘modas’. Além disso, têm resultados imensamente afetados por fatores contextuais que diferem muito de campanha para campanha. As redes sociais são apenas parte do ativismo digital. (Joyce M., 2010)

CAPÍTULO III: BLACK LIVES MATTER

III. 1. O nascimento do movimento

George Zimmerman, um homem de nacionalidade americana, foi absolvido a 13 de julho de 2013 do assassinato de Trayvon Martin, um adolescente de 17 anos proveniente de Sanford (Flórida) ocorrido a 26 de fevereiro de 2012, tendo sido um momento decisivo nos Estados Unidos da América (EUA) perante os temas raciais, acabando por desencadear o movimento *Black Lives Matter* nesse mesmo ano.

Este movimento ativista, que convida o público a considerar uma série de questões raciais que afetam os negros americanos, foi introduzido por Alicia Garza, Opal Tometi e Patrisse Cullors, três mulheres negras, e afirmou-se como sendo uma declaração de princípios éticos contra o racismo, atuando sob a forma de protestos que estavam na origem da indignação pela morte de negros, brutalidade policial e discriminação social no sistema de justiça criminal dos Estados Unidos. Após ter sido divulgado o veredito, as palavras *Black Lives Matter* surgiram pela primeira vez no Facebook, uma das maiores redes sociais do mundo, após uma publicação feita por Alicia Garza, onde escreveu a 13 de julho de 2013: *'black people. I love you. I love us. Our lives matter.'* ('Pessoas negras. Eu amo-vos. Eu amo-nos. As nossas vidas importam'). Patrisse Cullors, sua amiga, partilhou a mensagem utilizando, pela primeira vez, o *hashtag* *#BlackLivesMatter*. Migraram então para o *Twitter* onde criaram uma página oficial do movimento. (Edrington & Lee, 2018)

Em 2014, após um tiroteio que resultou na morte do adolescente Michael Brown, também esta provocada por um agente policial – Darren Wilson – em Ferguson, no estado de Missouri, Estados Unidos da América, o *hashtag* *#BlackLivesMatter* foi acidentalmente impulsionado para um movimento social no *Twitter*. Por se tratar do *Twitter* – a primeira rede social a integrar a *hashtag* (#) - *#BlackLivesMatter* tornou-se visível para a rede de contactos, não só dos ativistas envolvidos, mas de todo o mundo. Eliminara-se assim barreiras temporais e físicas e a imagem do corpo de Michael Brown circulou por toda a internet tornando-se viral, e despertou um sentimento de alvoroço sobre o assunto que permanecia incógnito até então. Estes incidentes fizeram com que as pessoas começassem a perceber que havia de facto um problema que precisava de ser resolvido e mobilizaram-se para as cidades dos Estados Unidos em forma de protesto,

inicialmente apenas gritando pelas ruas, embora, por várias vezes, tenha resultado em situações de violência. (Edrington & Lee, 2018)

O *hashtag* *#BlackLivesMatter* já teria nascido em 2013 com a absolvição do polícia que matou George Zimmerman, mas só após as manifestações nas ruas de Ferguson e Nova Iorque despoletadas pela morte de Michael Brown e Eric Garne, a 9 de agosto de 2014, é que este ficou mundialmente reconhecido. (Edrington & Lee, 2018).

Conforme uma pesquisa publicada pelo Pew Research Center (Anderson & Hitlin, 2016), estima-se que o *hashtag* *#BlackLivesMatter* tenha sido utilizado cerca de 11,8 milhões de vezes no *Twitter* desde a sua primeira utilização em meados de 2013 e 2016. No 10º aniversário do *Twitter*, a rede social publicou os *hashtags* mais utilizados relacionados com causas digitais, constatando que *#Ferguson* teria sido a mais utilizada e *#blacklivesmatter* a terceira. (DeHoratius)

Para além do *hashtag* *#BlackLivesMatter*, surgiu, momentos depois, um *hashtag* de contraprotesto *#AllLivesMatter*, cujo conteúdo argumenta que, independentemente da identidade racial, deve dar-se igual atenção e importância a todas as outras vidas que será abordado mais à frente.

III. 2. Os casos de George Floyd e Breonna Taylor

Em 2020 assistimos a uma nova onda de protestos, consequência das mortes de, entre outros, Breonna Taylor a 13 de março, em Louisville, baleada oito vezes e George Floyd a 25 de maio, em Minneapolis, vítima de estrangulamento, pela autoria de forças policiais americanas. Estes protestos, à semelhança dos anteriores, rapidamente se propagaram pelas redes sociais. (Edrington & Lee, 2018)

III. 2. 1. Breonna Taylor

Breonna Taylor, nascida a 5 de junho de 1993 em Grand Rapids, Michigan, licenciou-se na Western High School e formou-se na Universidade de Kentucky, nos Estados Unidos da América. Trabalhava como técnica médica de emergência na Universidade de Saúde de Louisville Health onde era também estudante de enfermagem.

No dia 13 de março de 2020, aos 26 anos, foi fatalmente baleada no seu apartamento em Louisville, Kentucky enquanto dormia com o seu namorado, por agentes

policiais - sargento Jonathan Mattingly, o detetive Brett Hankison e o detetive Myles Cosgrove – do Departamento de Polícia Metropolitana de Louisville (LMPD), que entraram à paisana e que cumpririam um *no-knock warrant* (‘mandado de captura sem necessidade de aviso prévio para sua execução’) por alegada suspeita de uso de substâncias ilícitas no local, após ter sido visto no apartamento, suspeito de tráfico de drogas, Jamarcus Glover. Brett Hankison, que se encontrava no exterior do edifício, disparou dez vezes em direção ao apartamento.

Segundo a polícia, Kenneth Walker, namorado de Breonna Taylor, foi o primeiro a disparar atingindo um agente policial na perna, motivo pelo qual a polícia disparou de seguida com mais de vinte tiros. Alegam ainda ter batido à porta do apartamento do casal várias vezes sem sucesso. Já o advogado da família de Breonna Taylor - Ben Crup - e alguns vizinhos de Kenneth Walker, que garante ter confundido os policiais com ladrões, afirmam terem sido os agentes policiais a disparar, após terem entrado no apartamento de rompante do casal sem se identificarem.

O tiroteio resultou na morte de Breonna Taylor que teria sido baleada oito vezes e declarada morta ainda no local, não tendo sido encontrada qualquer substância ilícita naquela área

Relativamente às consequências judiciais, os três agentes policiais foram colocados em trabalho administrativo durante a investigação que se seguiu após o homicídio. O detetive Brett Hankison, que disparou de forma ‘inconsequente e cega’ foi desviado da força policial por ‘extrema indiferença ao valor da vida humana’ após ter sido negligente ao não aferir os riscos da sua ação e indicado por três acusações após ter disparado dez balas sob uma casa vizinha colocado em grave perigo de ferimento ou morte os seus residentes. Kenneth Walker terá sido acusado de agressão e tentativa de homicídio de Jonathan Mattingly. Foi libertado e ficou em prisão domiciliária devido à pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2/COVID-19 em 2020. Em maio foi ilibado após terem sido retiradas as acusações. A investigação conduzida pela polícia de Louisville foi marcada por contornos dúbios.

A morte de Breonna Taylor não obteve muita atenção mediática no momento, mas ganhou notoriedade após várias manifestações que visavam o combate ao racismo. A 25 de maio de 2020 ocorreu uma manifestação no centro de Louisville e noutras partes dos Estados Unidos, que ficou marcada como um dos maiores movimentos de protesto da história contra o racismo e violência policial, após o anúncio do painel de jurados de

Kentucky indicar ao juiz de um tribunal de Louisville o resultado da sentença para os agentes policiais: não houve acusação contra nenhum dos três agentes policiais na morte de Breonna Taylor. Esta manifestação resultou ainda em sete feridos a tiro e duas mortes causadas por uma troca de tiros por parte da polícia americana. Para além de Louisville, nessa noite de quarta feira, outras cidades como Nova Iorque, Atlanta, Chicago entre outras metrópoles norte americanas, foram palco de protestos e indignação pela impunidade na morte de Breonna Taylor.

A 15 de setembro de 2020, a pedido da mãe de Breonna Taylor, foi aberto um processo contra os três envolvidos por parte das autoridades da cidade de Louisville, aceitando pagar-lhe doze milhões de dólares e decretar reestruturações no sistema policial de Louisville.

Os protestos continuaram desde a morte de Breonna exigindo justiça para a mesma e também para todos os afro-americanos vítimas de violência policial, tendo recebido o apoio de várias figuras públicas e celebridades.

A 26 de abril de 2021, pouco mais de um ano depois do homicídio de Breonna Taylor, Merrick Garland, procurador-geral dos Estados Unidos, anuncia que seria aberto um inquérito para investigar a polícia de Louisville, e o governo metropolitano de Louisville-Jefferson County tendo como motivo a morte de Breonna Taylor, para que fosse averiguada a existência (ou não) de um padrão ou prática inconstitucional de policiamento ilegal. Esta investigação daria principal destaque ao uso excessivo da força – não só mas também - em civis que participam em ações pacíficas, a apreensões e buscas inconstitucionais e ao treino recebido pelos agentes policiais.

Na semana anterior a ter sido anunciada a abertura do inquérito que investigaria a polícia de Louisville, foi divulgado que seria aberto um outro inquérito para qualificar os métodos utilizados pela polícia de Minneapolis na sequência do homicídio, ocorrido no dia 25 de maio de 2020, por asfixia – também este causado por um policial - de um outro civil norte americano, George Floyd.

III. 2. 2. George Floyd

George Perry Floyd Jr., um homem afro-americano nascido a 14 de outubro de 1973 em Fayetteville (Carolina do Norte, Estados Unidos da América) e criado em

Houston (Texas), morreu enquanto estava a ser detido a 25 de Maio de 2020 aos 46 anos de idade após ter sido algemado e estrangulado pelo agente policial de Minneapolis, Derek Chauvin, que se ajoelhou no seu pescoço durante cerca de nove minutos pelo facto de a vítima ter, alegadamente, utilizado uma nota falsa de vinte dólares num supermercado para comprar um maço de cigarros e estaria sob efeito de drogas ilícitas. Este homicídio teve também intervenção de mais três agentes policiais: Thomas Lane e J. Alexander Kueng que também ajudaram a imobilizar George Floyd, enquanto o Tou Thao, o quarto agente, se encontrava por perto a observar. Estes três agentes responderam às súplicas de George Floyd com frases como ‘relaxa’ (Tou Thao), ‘respira fundo’ (Thomas Lane) ou ‘estás bem, estás a falar bem’ (J. Alexander Kueng).

A situação foi gravada por vários espectadores que se encontravam na zona e amplamente divulgada nas redes sociais e transmitida pelos meios de comunicação de todo o mundo.

Algumas das filmagens mostram os agentes policiais a aproximarem-se de George Floyd que se encontrava sentado no carro. Nas gravações pode ver-se Thomas Lane a bater com uma lanterna no vidro do carro pedindo a George Floyd que deixe as mãos visíveis, algo que não foi logo acedido, mas passado algum tempo, George Floyd abre a porta do carro enquanto se desculpa. Ao sair do carro é imediatamente detido por Thomas Lane que lhe aponta uma arma enquanto ordena que levante as mãos e o algema com a ajuda de J. Alexander Kueng levando-o até à viatura da polícia. George Floyd protesta e resiste a sentar-se no banco de trás dizendo que é claustrofóbico, resiste aos empurrões saindo da viatura e afirmando que se deitaria no chão. Enquanto Thomas Lane e J. Alexander Kueng o imobilizavam, Derek Chauvin pressionava o joelho contra o pescoço de George Floyd. Tou Thau tentava manter os espectadores afastados. É por esta altura que a vítima se começa a queixar de falta de ar, mas nem assim Derek Chauvin levantou o joelho onde permaneceu durante cerca de nove minutos. Seis minutos após ter sido imobilizado e apenas depois de os transeuntes gritarem com os agentes para que estes socorressem o detido é que J. Alexander Kueng verifica o pulso de George Floyd dizendo que já não conseguia senti-lo. Todos os restantes três oficiais mantiveram George Floyd numa posição que estaria a restringir a sua respiração. Passados dois minutos chega uma equipa de emergência e é colocado numa ambulância tendo sido declarado morto naquela noite.

O homicídio de George Floyd gerou uma onda de protestos contra o racismo sistémico e violência policial tendo começado em Minneapolis, mas rapidamente se espalhou pelos restantes estados e cidades e, pouco tempo depois, já assistíamos a manifestações em todo o mundo. O que começou por ser manifestações pacíficas depressa acabou por se tornar num cenário de violência e crime onde havia lojas a serem roubadas e danificadas onde a polícia, numa tentativa de controlo deste cenário, utilizou gás lacrimogéneo e disparou balas de borracha contra os manifestantes, tendo sido severamente criticada por civis por ter respondido aos protestos. Em oito dias de protestos, mais de nove mil ativistas acabaram por ser presos, centenas ficaram feridos e houve mesmo algumas mortes resultantes desta situação.

A frase '*I can't breath*' ('Não consigo respirar'), que foi repetida cerca de vinte vezes enquanto Derek Chauvin pressionava o seu pescoço, tornou-se um *slogan* do movimento *#BlackLivesMatter*.

O médico legista indicou o homicídio como tendo sido causado pela combinação do uso de força policial, a presença de *fentanil* e *metanfetamina* no organismo de George Floyd e as suas condições de saúde adjacentes.

Quanto às consequências para os quatro envolvidos na morte de George Floyd, foram demitidos no dia seguinte pelo chefe do Departamento da Polícia de Minneapolis, Medaria Arradondo, após os vídeos da detenção de George Floyd terem sido tornados públicos. Derek Chauvin foi acusado de homicídio em segundo grau, homicídio em terceiro grau e homicídio em segundo grau involuntário pela morte de George Floyd tendo sido detido e condenado a uma pena de quinze anos, embora a acusação que, apresentando um memorando, tenha pedido uma pena de trinta anos, o dobro do tempo: algo que a 2 de junho estaria ainda a ser analisado e a sentença final, a 25 de junho determinou que Derek Chauvin seria condenado a vinte e dois anos e meio de prisão, encontrando-se, até aquele momento a aguardar a sentença na única prisão de segurança máxima de Minnesota. Acabou por ser condenado a vinte e dois anos e meio de prisão, sendo que poderá requerer liberdade condicional após catorze anos em regime fechado. Momentos antes da leitura da pena, Derek Chauvin ofereceu as suas condolências à família de George Floyd mas recusou-se a depor em frente ao tribunal. O juiz Peter Cahill afirma ainda que a sentença não terá sido baseada em emoções ou opinião pública, mas, como é sua obrigação, apenas em factos.

Segundo a justiça norte americana, a sentença teve em conta quatro fatores agravantes: o facto de ter cometido o crime em frente a uma criança; ação com crueldade particular; atuação com apoio de um grupo; abuso da autoridade policial.

Esta foi uma das mais longas penas decretadas a um agente por uso de força letal e o ex-polícia estará proibido de utilizar armas de fogo não podendo voltar a exercer a sua função como polícia.

Os restantes agentes foram acusados ser cúmplices no crime e homicídio em segundo grau e apresentar-se-ão em julgamento em agosto de 2021 em liberdade sob fiança. A acusação defende que J. Alexander Kueng (que se ajoelhou sob as costas da vítima) e Thomas Lane (que segurou as pernas) ajudaram a imobilizar George Floyd. Em relação a Tou Thau a acusação refere que este impediu que as pessoas que estariam a protestar naquela altura pudessem intervir durante a detenção de nove minutos e meio. Derek Chauvin, Tou Thao e J. Alexander Kueng são acusados de violar o direito à liberdade, de detenção irracional e uso de força excessiva. Além disso, os quatro oficiais são acusados de não terem prestado auxílio médico a George Floyd.

A família da vítima recebeu ainda uma indemnização de vinte e sete milhões de dólares pela morte de George Floyd, tendo sido o maior acordo no caso de homicídio qualificado de um homem negro.

As homenagens que se seguiram a George Floyd pressionaram os legisladores e departamentos da polícia no sentido de se debater a forma de combate sobre as suas políticas e abordagens.

O movimento *#BlackLivesMatter* já estaria em atividade antes da morte de George Floyd tendo sido o grande responsável pela amplitude a nível nacional e internacional que este caso tomou que abriu espaço mediático ao tema do racismo e da violência policial – especialmente contra negros – com o apoio de celebridades e marcas que se juntaram ao movimento.

O Presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e a Vice Presidente, Kamala Harris, juntamente com o apoio de um Congresso de sua maioria democrata, pressionaram por uma legislação que se dedicasse aos temas relacionados com a violência policial, embora no primeiro discurso do presidente no Capitólio em finais de abril de 2021, Biden tivesse solicitado ao Congresso que fosse discutido um projeto de reforma da justiça criminal

dando o final de maio do mesmo ano como data limite. Porém, tal prazo não foi cumprido pelo que deixa algumas dúvidas sobre o futuro do tema.

III. 3. Protestos nos EUA

No verão de 2020, uma onda de protestos em prol do movimento *Black Lives Matter* tomou proporções a nível mundial. Mesmo em pandemia, milhares de pessoas saíram à rua para exigir que se adotasse uma mudança relativamente à discriminação racial, impulsionado pela morte de George Floyd no dia 25 de maio. O movimento que começou como uma *hashtag* no Twitter rapidamente se tornou tema de debate em vários países que se juntaram a esta causa.

Os protestos tiveram início na Região Metropolitana de Minneapolis-Saint Paul no dia seguinte à morte do afroamericano, em Minneapolis, e a agitação social alargou-se a nível nacional e a cerca de 2.000 cidades em mais de 60 países - como Inglaterra, França, Portugal, República Checa, Austrália, Taiwan e Suíça - que se insurgiram perante a violenta detenção operada pelo polícia Derek Chauvin e que reivindicavam uma reforma no sistema judicial nos EUA.

Ainda que a maioria dos protestos tenha sido pacífica, algumas cidades assistiram a vários tumultos que incluíam incêndios, assaltos, vandalismo e agressões entre os manifestantes e a polícia. Por outro lado, vários grupos ativistas de extrema direita entraram em conflito com os defensores do movimento, alegando que estariam a defender a cultura do seu país. A 3 de junho foi decretado recolher obrigatório em 200 cidades norte americanas e a 30 de junho, como consequência da violência durante os protestos e romper do confinamento, já cerca de 14.000 pessoas tinham sido detidas.

Estes protestos decorreram até ao final de julho de 2020, e estima-se que no início desse mês já teriam participado entre 15 a 26 milhões de indivíduos, embora os dias mais intensos e com maior cobertura mediática se tenham verificado entre 26 a 31 de maio.

Este movimento resultou, para além de um debate a nível global sobre o racismo, em várias propostas de lei com vista a abolir o racismo sistémico e a violência policial racial a nível estadual, federal e municipal.

III. 4. *All Lives Matter* como movimento de contraprotesto

Para Lupton (2015), os *hashtags* são uma forma de classificação prática e tornam-se fundamentais no rastreo e gestão de conteúdos – como são organizados, divulgados e acessados - em plataformas como as redes sociais. A forma como os utilizadores têm capacidade de limitar e ditar categorias utilizando um *hashtag*, representa uma forma de colonização cibernética.

Como contraprotesto ao movimento *#BlackLivesMatter*, surgiu um *hashtag*, *#AllLivesMatter*, que gerou bastante interação, ainda que menos que o primeiro. Os defensores deste novo movimento acreditam que deverá ser dada a mesma atenção a todas as vidas e não apenas às negras. Em resposta a esta afirmação, os apoiantes do *#BlackLivesMatter* defendem que tal sentimento desvaloriza o primeiro movimento, uma vez que ignoram a importância da raça nas situações de violência policial. (Gallagher RJ, Reagan AJ, Danforth CM, Dodds OS, 2018). Ao contrário do *#BlackLivesMatter*, o *#AllLivesMatter* não ambiciona qualquer tipo de transformações históricas. (Ozgen, 2019). O *#AllLivesMatter* tem uma grande amplitude e o seu rastreo mostra como os utilizadores utilizam esta *hashtag* para ligar a questões como direitos humanos e de animais, deficiência e consciencialização sobre saúde mental, como causas proeminentes. (Ozgen, 2019)

Na era das redes sociais, é habitual o conflito vir com os movimentos sociais correspondentes, algo que o autor Ozgen (2019) acredita que tenha acontecido com o caso *#BlackLivesMatter* relativamente ao nascimento do movimento *#AllLivesMatter*,

Os gatilhos sociais são os marcadores ou indicadores sociais de fatores externos que estão na origem de um *tweet*, ou seja, levam à produção de conteúdos no espaço *online*. No caso do *#BlackLivesMatter* o gatilho foram os vários vídeos de demonstração de violência policial em negros, tendo sido também responsáveis pelo enquadramento sistémico do movimento, desenvolvendo interação sobre ‘subtemas’ que estariam relacionados tais como injustiça, supremacia branca, sistema, opressão, assassinato e reforma penitenciária. (Ozgen, 2019)

#BlackLivesMatter é um movimento difundido que reage contra a violência policial, em particular, contra negros. Para além disso, o movimento chama ainda a

atenção para questões mais amplas de racismo estrutural e continua, nos dias de hoje, a servir de grito de guerra para muitas situações de racismo. Quando *#MuslimLivesMatter* surgiu em contestação face ao assassinato motivado por questões raciais de três estudantes muçulmanos na Carolina do Norte a fevereiro de 2015, os ativistas indagaram relativamente à natureza do *hashtag*, se o mesmo seria um ato de solidariedade e tentativa de construção de uma ‘aliança’, ou se seria apenas uma comparação de relatos de violência contra negros e muçulmanos, independentemente da raça. Alicia Garza, uma das principais fundadoras do movimento *#BlackLivesMatter*, sugere até que variações do movimento falham em reconhecer como os grupos não brancos beneficiam de anti-‘negritude’. (Ozgen, 2019)

CAPÍTULO IV: ESTUDO DE CASO

IV. 1. Metodologia

“A fase metodológica consiste em definir os meios de realizar a investigação” (Fortin, Côté & Françoise, 2009, p.53), por isso é nesta fase que o investigador define como irá proceder para obter as respostas às questões de investigação.

Para este capítulo serão apresentados os métodos utilizados para a seleção do corpus bem como a sua caracterização, identificar as temáticas para análise e de que forma poderão ser relevantes.

A metodologia baseou-se nos objetivos definidos para a dissertação, pelo que foi adotada uma técnica de investigação mista – quantitativa e qualitativa – de forma a obter um resultado de pesquisa mais vigoroso. Foram utilizadas técnicas de recolha de informação documental, cruciais para a construção de um enquadramento, e análise de dois casos específicos de relevância.

Para que fosse possível responder à pergunta de investigação - **qual a relevância da comunicação nas redes sociais em contexto de ativismo digital (no Twitter) para a disseminação de movimentos contra a discriminação racial como o *Black Lives Matter*?** – foi necessária, em primeiro lugar, a elaboração de um enquadramento teórico que explorasse, por um lado, em que medida é que a comunicação conduz a uma identidade do movimento, e por outro, de forma é que as redes sociais poderão ser umas das ferramentas essenciais para ampliar uma mensagem e mobilizar massas. Por fim, analisando dois casos específicos – de forma a tornar o corpus mais consistente e/ou detetar eventuais alterações nos resultados - apreender que tipo de alcance teve o movimento *Black Lives Matter*, rastreando, por um período definido, a principal *hashtag* utilizada durante o mesmo (*#BlackLivesMatter*), e de que forma foi recebida, interpretada e replicada pelos utilizadores.

IV. 2. Processo de seleção dos dados

O corpus deverá representar o universo de estudo e por isso conter as características necessárias para que seja possível avaliar a representatividade. (Fortin,

1999). Como referem Quivy & Campenhout (1992), a escolha do corpus deverá assentar em vários critérios como as limitações de prazos e recursos disponíveis bem como contactos e dados que procuram.

Em primeiro lugar, e por uma questão de tempo e dados à disposição, esta investigação cingiu-se a uma única rede social, embora outras redes sociais como o *Instagram* e *Facebook* também tenham servido de palco para este movimento. A escolha no *Twitter* deve-se ao facto de esta ser uma plataforma projetada para partilhar ideias e acompanhar novidades tendo a vantagem de que há muito mais abertura para pessoas de qualquer parte do mundo se cruzarem e trocarem impressões, transcendendo as habituais ligações sociais. O *Instagram* e *Facebook* são plataformas mais fechadas, onde o seu objetivo é partilhar conteúdos num círculo de conhecidos. Para além disso, o *Twitter* é a única rede social onde é possível encontrar conteúdos com características específicas num determinado intervalo de tempo, mediante a utilização de um sistema de pesquisa avançada.

Para o processo de investigação, a *hashtag* #*BlackLivesMatter* foi rastreada na rede social *Twitter* com recurso a pesquisa avançada, em dois momentos, utilizando os mesmos critérios. Os *tweets* foram recolhidos através de um conjunto de ‘palavras chave’ e filtrados através do uso de uma *hashtag*, que constituiu um conjunto total de 145 *tweets*. A pesquisa foi feita da seguinte forma:

- **Breonna Taylor "Breonna Taylor" (#blacklivesmatter) until:2020-05-13 since:2020-03-13;**

- **George Floyd "George Floyd" (#blacklivesmatter) until:2020-07-25 since:2020-05-25;**

De forma a ter um corpus considerável, foi selecionado, para cada caso, um período de dois meses que se iniciaria na data em que cada um faleceu, assumindo a probabilidade de que, nesse período, o alcance deveria ser superior comparativamente a um período mais distante das datas das suas mortes. Por outro lado, o intervalo de tempo selecionado para a análise do caso de George Floyd, iria também coincidir com as datas dos protestos ocorridos em prol da igualdade racial e em homenagem à sua morte.

IV. 3. Seleção de variáveis

Na expectativa de averiguar o tipo de conteúdo partilhado em relação a cada um dos casos – em paralelismo com o movimento *#BlackLivesMatter* – foi feita uma recolha de dados por *tweet* que foram inseridos na Tabela 1, e que se refletiu em:

- *Número do tweet* – a ordem pela qual foram obtidos os resultados com base no algoritmo do Twitter;
- *Data* – o dia em que o conteúdo foi publicado seria relevante na medida em que poderíamos averiguar se este coincidia com alguma data relevante como, por exemplo, as manifestações motivadas pela morte de George Floyd, sendo que o intervalo de tempo determinado foi de 2 meses a iniciar na data da morte de cada um;
- *Hora* – relativamente a esta categoria, o objetivo seria tentar, à semelhança da categoria ‘data’ encontrar um padrão e associar a um momento relevante no movimento *Black Lives Matter*;
- *Horário EUA* – uma vez que todos os *tweets* foram escritos em inglês e os acontecimentos ocorreram, maioritariamente, nos EUA, foi utilizada a hora de referência portuguesa para estabelecer três períodos do dia, tendo em consideração a diferença horária dos EUA. O resultado foi o seguinte:
 - 12h - 20h (manhã)
 - 20h - 4h (tarde)
 - 4h -12h (noite);
- *URL* – categoria incluída para possível pesquisa posterior;
- *Texto* – elemento que irá descrever o conteúdo que irá ser analisado;
- *Imagem* – estão assinalados com (x) aqueles que incluíam uma imagem na publicação feita para eventual análise com pesquisa feita;
- *Nome de Utilizador* – apenas para observação, não tendo nenhum objetivo concreto;
- *Número de Seguidores* – elemento analisado para cálculo de *engagement*;
- *Grupo de Seguidores* – conteúdo averiguado para construção de elementos gráficos para análise;

- *Número de retweets (totais)* – elemento analisado para cálculo de *engagement*;
- *Grupo de retweets* – conteúdo averiguado para construção de elementos gráficos para análise;
- *Número de retweets com comentário (partilha e acrescenta conteúdo)* – apenas para observação, não tendo nenhum objetivo concreto;
- *Grupo de retweets com comentário* – conteúdo averiguado para construção de elementos gráficos para análise;
- *Número de likes* – elemento analisado para cálculo de *engagement*;
- *Grupo de likes* – conteúdo averiguado para construção de elementos gráficos para análise;
- *Número de comentários* – elemento analisado para cálculo de *engagement*;
- *Grupo de comentários* – conteúdo averiguado para construção de elementos gráficos para análise;
- *Engagement bruto* – Número de interações totais ocorridas na publicação obtido através do cálculo: número de *likes* + número de *retweets* + número de comentários. O objetivo desta categoria é analisar a relevância e a amplitude que a publicação teve em cada tipo de perfil;
- *Engagement relativo* – Taxa de interação da publicação obtida através do cálculo: (número de *likes* + número de *retweets* + número de comentários) / número de seguidores.
O objetivo desta categoria é estabelecer uma comparação com o *engagement* bruto de forma a analisar a relevância e a amplitude que a publicação teve em cada tipo de perfil;
- *Atitude* – Para este tópico, analisado manualmente e produto de uma interpretação pessoal, foi realizada uma divisão por categorias para identificar a intenção/comportamento que sobressaía em cada publicação. As categorias são:
 - Apelo à contestação;
 - Apoio ao movimento;
 - Comparação com outra situação;
 - Crítica ao movimento;
 - Demonstração sentimento de injustiça / indignação;
 - Informativo.
- *Tema* – para este elemento foi feita uma nova divisão por categorias onde deveria identificar-se, em cada publicação, o assunto/contéudo que o texto continha.

- Breonna Taylor;
- George Floyd;
- Governo Americano;
- Racismo;
- Violência policial contra negros;

O interesse nesta categoria está em perceber quais são os conteúdos mais abordados;

- *Sentimento (Negativo/ Neutro/ Positivo)* – elemento que deverá determinar a natureza do sentimento do conteúdo publicado através de uma recolha manual e avaliação pessoal. A pertinência desta análise está na verificação do impacto dos temas e na forma como os produtores desses conteúdos os viam. Definido como ‘negativo’ para uma publicação de contestação ou desprezo perante o tema, ‘positivo’ se for uma publicação de caráter aprovador e/ou de incentivo e ‘neutro’ para uma publicação de caráter informativo, relativamente ao movimento e/ou a Breonna Taylor/ George Floyd.
- *Co-hashtags* – outras *hashtags* que constem no corpo do texto da publicação, sendo um elemento utilizado para investigação de outras *hashtags* que pudessem ser relevantes para a pesquisa;
- *Identificações* – elemento que nomeia, no corpo do texto, outros utilizadores e que foi utilizado para investigação de outros indivíduos, associações, empresas, organizações entre outras páginas que pudessem ser relevantes para a pesquisa;
- *Local* - categoria que define a localização no momento da publicação e que deverá determinar onde houve maior alcance e interação relativamente ao tema e até onde é possível rastrear o movimento.

De uma forma geral, as categorias ‘Data’ e ‘Hora’ teriam como principal objetivo estabelecer uma correlação entre o momento em que os *tweets* foram publicados e as manifestações que se desenrolavam na mesma altura. Relativamente aos elementos ‘Texto’ e ‘Sentimento’, procuramos, através de uma análise pessoal, averiguar a intenção de quem produz os conteúdos, e se os mesmos têm uma natureza negativa – para o caso dos indivíduos que condenam o movimento ou a pessoa referida no conteúdo em questão (Breonna Taylor ou George Floyd), - positiva - aquando de uma manifestação de apoio e aprovação – ou neutra – no caso de falarmos de um *tweet* meramente informativo e

imparcial em relação ao tema. Por outro lado, o ‘Número de *retweets*’, o ‘Número de *likes*’ e o ‘Número de comentários’, irão determinar o valor dos elementos ‘*Engagement relativo*’ e ‘*Engagement bruto*’. Estes últimos são as métricas necessárias para compreender o tipo de alcance que os conteúdos tiveram e a interação que geraram. Já o ‘Local’ onde o *tweet* seria partilhado, poderia ter relevância na medida em que estabeleceria – ou não – uma correlação, à semelhança da ‘Data’ e ‘Hora’, entre a localização do utilizador e a localização dos eventos ocorridos na mesma altura. Para além disso, poderia também servir de indicador das áreas geográficas mais alcançadas por esta temática assim como até onde é que a mesma chegou. Por outro lado, as ‘*Cohashtags*’ e ‘Identificações’ seriam utilizadas na identificação de outros elementos que pudessem contribuir para a pesquisa, embora, numa primeira fase, não houvesse qualquer tipo de perspectiva em relação ao que poderia vir a surgir. Algo que, como veremos mais tarde, se mostrou infrutífero. Finalmente, o ‘URL’ e ‘Nome de Utilizador’ são apenas categorias que servirão para identificar e dar contexto aos dados recolhidos.

IV. 4. Recolha e tratamento de dados

Todos os dados foram recolhidos manualmente através da rede social *Twitter*. Em relação ao estudo de caso de Breonna Taylor, como já foi referido anteriormente, foi utilizado um intervalo temporal compreendido entre o dia da sua morte, 13 de março de 2020 e 13 de maio de 2020. Foi utilizado o método de pesquisa avançada onde se definiu que as palavras que deveriam aparecer (*All of these words*) seriam ‘Breonna Taylor’, deveria incluir a hashtag (*These hashtag*) *#BlackLivesMatter* e corresponder ao período de tempo acima descrito. Para este caso foi recolhido um total de 56 publicações.

No estudo de caso de George Floyd, foram requeridas as mesmas condições, sendo que, ao invés de ‘Breonna Taylor’, as palavras que deveriam aparecer seriam ‘George Floyd’ e o período de tempo selecionado estaria entre 25 de maio de 2020 e 25 de julho de 2020. O resultado desta pesquisa resultaria num total de 92 publicações.

Relativamente à *hashtag #BlackLivesMatter*, foi utilizada em ambos os casos.

CAPÍTULO V: ANÁLISE DE RESULTADOS

De forma a simplificar a análise dos resultados, foi desenvolvida uma tabela geral (TABELA 1 em anexo) e algumas tabelas secundárias onde foram colocados todos os dados recolhidos e reorganizados em gráficos.

Como foi referido anteriormente, o corpus recolhido para o caso de Breonna Taylor foi de 56 publicações e 92 publicações para George Floyd, o que resultou num corpus com 148 publicações.

V. 1. Datas das Publicações

As datas obtidas, que compreendiam um período de 2 meses desde o dia da morte de cada um, foram divididas em intervalos semanais, sendo que para o caso de Breonna Taylor, o último intervalo conta com apenas 3 dias e o último intervalo de George Floyd conta com mais 2 dias.

Relativamente ao caso de Breonna Taylor, foram recolhidas 56 publicações inseridas num intervalo de tempo compreendido entre 16/03/2020 e 13/05/2020. Das datas apresentadas, podemos verificar que há um aumento no número de publicações em meados de maio e um aumento exponencial entre os dias 11/05/2020 e 13/05/2020.

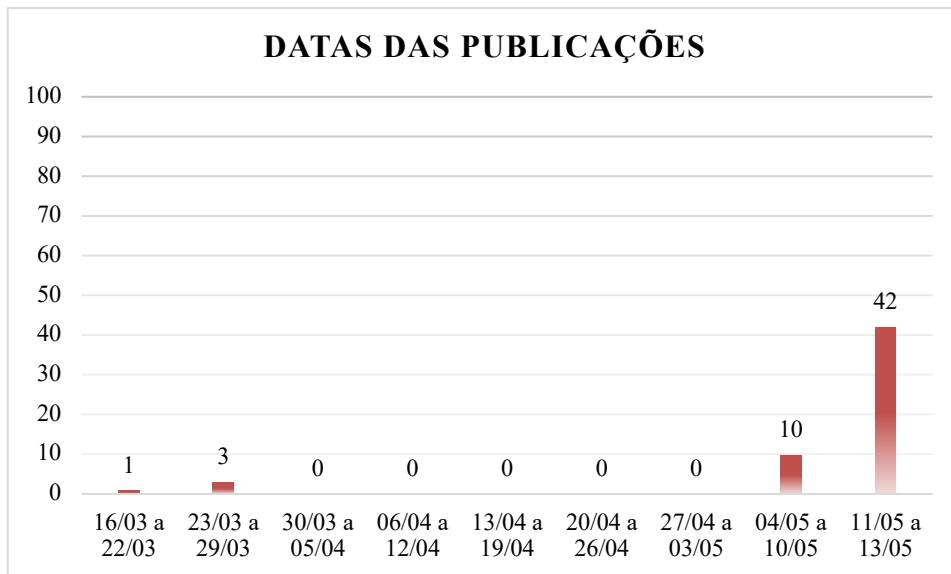


Gráfico 1 - Datas das publicações (Breonna Taylor)

Quanto ao caso de George Floyd, todas as publicações recolhidas estavam concentradas num período de três semanas, ainda que a pesquisa abrangesse dois meses inteiros, entre 06/07/2020 e 24/07/2020. O algoritmo do Twitter não apresentou nenhuma publicação fora desse intervalo pelo que, à partida, os conteúdos apresentados nestas datas foram o que geraram maior interação entre os utilizadores.

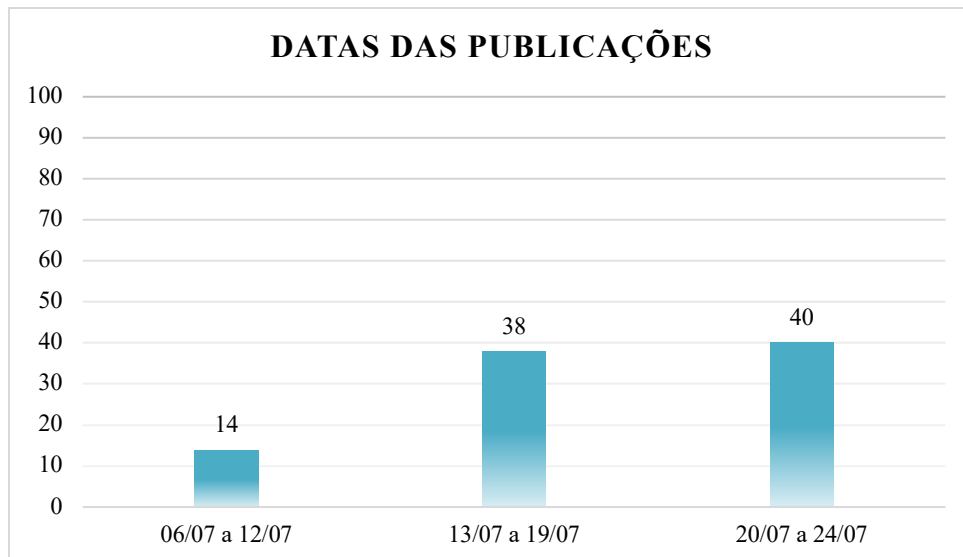


Gráfico 2 - *Datas das Publicações (George Floyd)*.

V. 2. Horas e horários das Publicações

Após a recolha das horas a que tinham sido publicados os conteúdos e utilizando a hora de referência portuguesa, foi realizada uma divisão por períodos diários – dia, tarde e noite – através do cálculo do fuso horário de Chicago (GMT-5). Desta estimativa ficou estabelecido o seguinte:

- Entre as 12h01 e as 20h00 (em Portugal) corresponderia ao período da manhã (nos EUA);
- Entre as 20h01 e as 04h00 (em Portugal) corresponderia ao período da tarde (nos EUA);
- Entre as 04h01 e as 12h00 (em Portugal) corresponderia ao período da noite (nos EUA).

No seguimento desta divisão, verificou -se, no caso de Breonna Taylor, cujas horas das publicações estavam compreendidas entre as 00h31 e as 23h34 (horas de Portugal Continental), e que o horário dos *tweets* publicados é maioritariamente de manhã, embora com pouca diferença para o número de conteúdos partilhados à tarde.

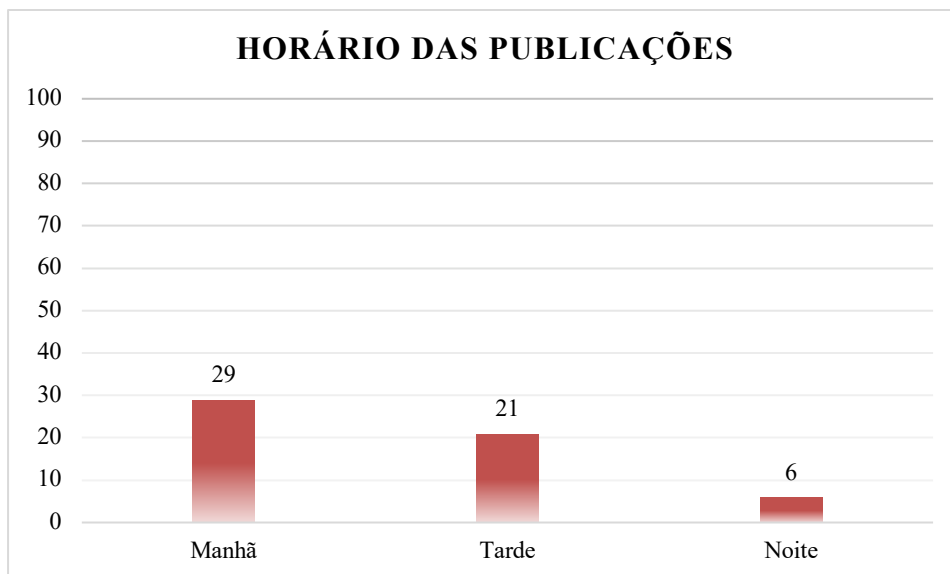


Gráfico 3 - Horários das publicações (Breonna Taylor)

Já no caso de George Floyd, onde o corpus devolvido contou com um período entre a 01h00 e as 23h28, também o horário da manhã foi aquele que contou com maior número de publicações, sendo que, contrariamente ao caso de Breonna Taylor, este período representa metade dos conteúdos partilhados.

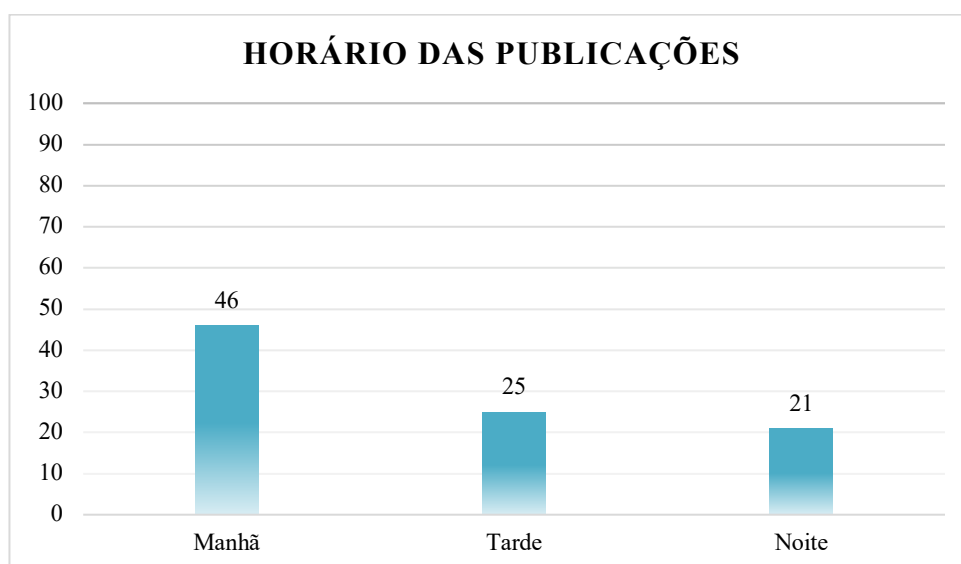


Gráfico 4 - Horários das publicações (George Floyd)

V. 3. Número de seguidores

Uma vez que o número de seguidores dos utilizadores responsáveis pelas publicações era muito heterogéneo, foram criados 5 intervalos: 0-1.000; 1.001-10.000; 10.001-100.000; 100.001-1.000.000; >1.000.000.

Relativamente ao número de seguidores, dos 56 utilizadores seleccionados para o corpus do caso de Breonna Taylor, verifica-se um intervalo entre os 18 e os 635.000.

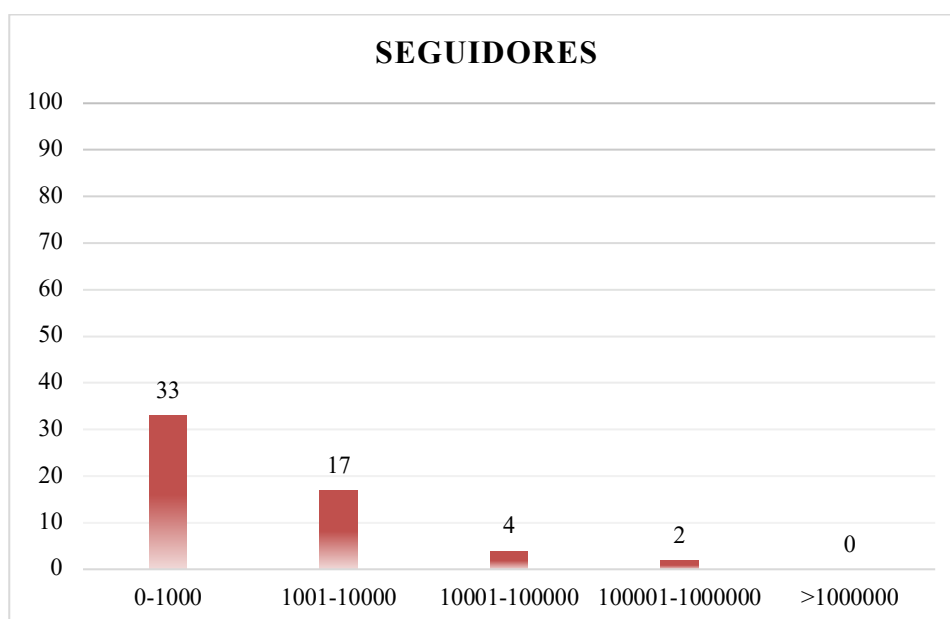


Gráfico 5 – Número de Seguidores (Breonna Taylor)

No caso de George Floyd, em relação ao número de seguidores de cada perfil, temos um corpus compreendido entre 174 e 680.0000.

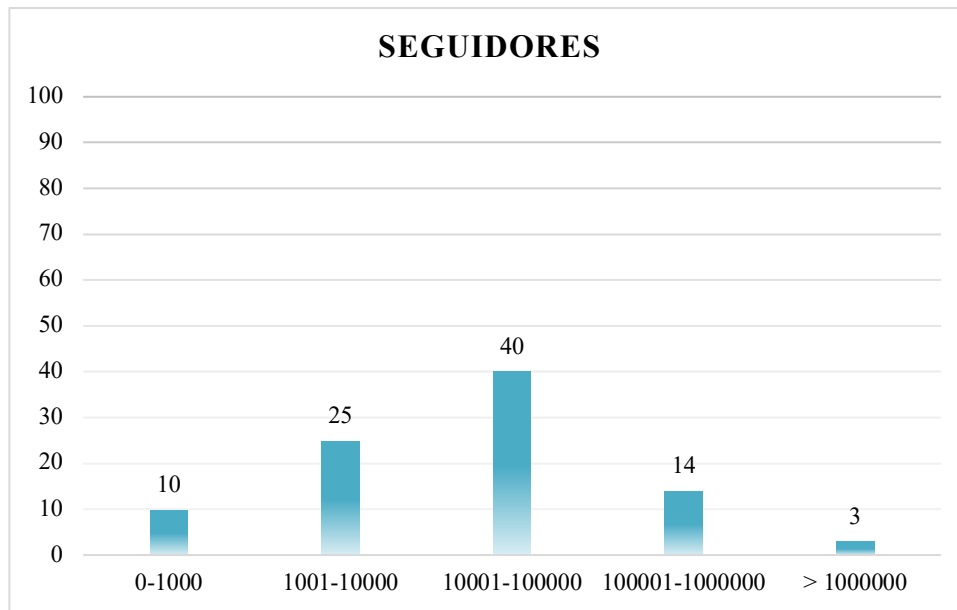


Gráfico 6 – Número de Seguidores (George Floyd)

V. 4. Número de *retweets*

No que diz respeito ao número de *retweets*, observamos uma variação num intervalo de 0 *tweets* replicados e 304 no caso de Breonna Taylor e 2 e 2.069 para George Floyd.

Relativamente aos intervalos, optou-se por agrupar em três: 0-50; 51-500; >500.

Quanto ao caso de Breonna Taylor, podemos constatar, através do Gráfico 6, que o intervalo referente ao menor número de *retweets* feitos por publicação (0-50) é substancialmente superior em comparação com o intervalo de 51-500 *retweets*. Para além disso, verificamos que não há nenhuma publicação que contasse com mais de 500 *retweets*.

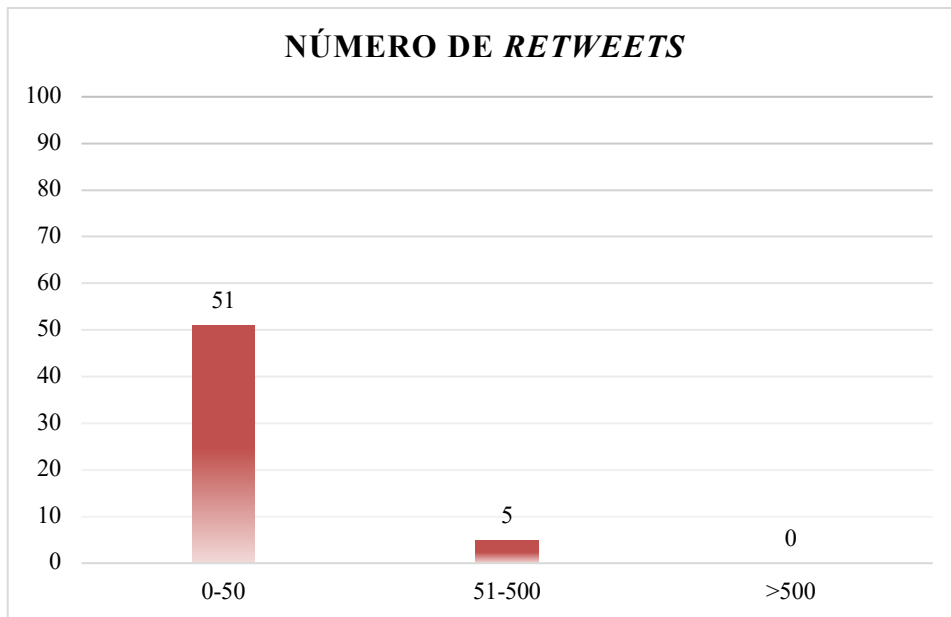


Gráfico 7 – Número de retweets (Breonna Taylor)

No caso de George Floyd, à semelhança do que acontece com Breonna Taylor, a coluna onde estão inseridas as publicações com menos *retweets* feitos (0-50) é extremamente maior relativamente aos outros intervalos. Ainda assim, neste caso, o corpus ainda recolheu 5 publicações com mais de 500 *retweets*.

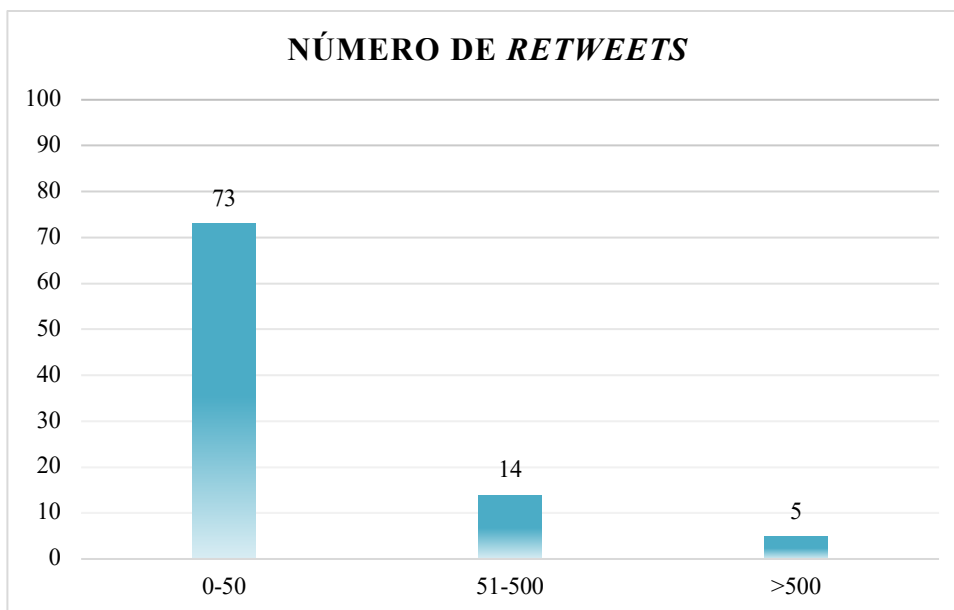


Gráfico 8 – Número de retweets (George Floyd)

V. 5. Número de likes

Os valores referentes ao número de *likes* são muito idênticos ao número de *retweets*, motivo pela qual foi utilizado o mesmo método para agrupar os valores do corpus: 0-50; 51-500; >500.

As publicações referentes a Breonna Taylor geraram uma variação de *likes* compreendida entre os 0 e os 291, sendo que o intervalo com menor amplitude é aquele que conta com um maior número de publicações. Mais uma vez, não há nenhuma publicação com mais de 500 *likes*.

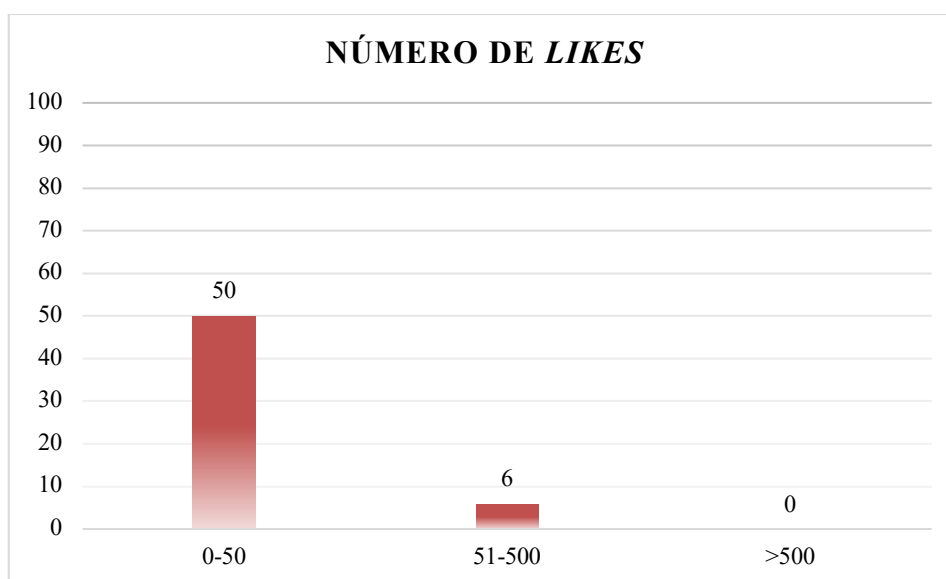


Gráfico 9 – Número de likes (Breonna Taylor)

À semelhança do que acontece com Breonna Taylor, embora com o intervalo dos 51-500 *likes* ligeiramente superior, também as publicações referentes a George Floyd obtiveram, maioritariamente, um número de *likes* compreendido entre os 0 e os 50. Neste caso, há ainda 7 publicações que ultrapassaram os 500 *likes*, ainda que não tenham ultrapassado os 4.367 *likes*.

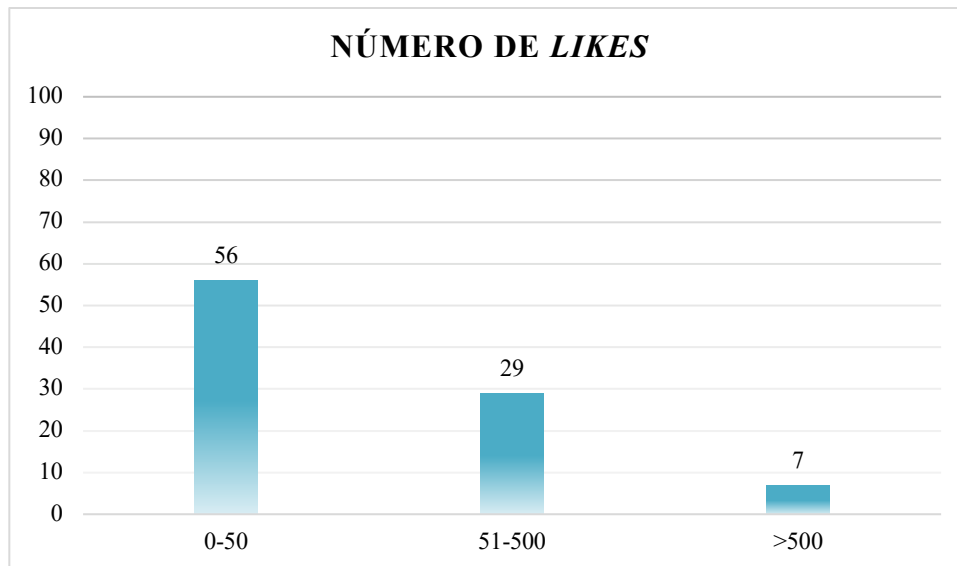


Gráfico 10 – Número de likes (George Floyd)

V. 6. Número de comentários

Para esta categoria, uma vez que o número máximo de comentários era 122, foi feita uma divisão de três intervalos com as seguintes amplitudes: 1-10; 11-100; >100.

Com uma variação de 0 a 20 comentários por publicação, o caso de Breonna Taylor apresenta praticamente todo o corpus – à exceção de uma publicação – no intervalo dos 0-10 comentários sendo que, desses valores, 43 publicações não obtiveram nenhum comentário.

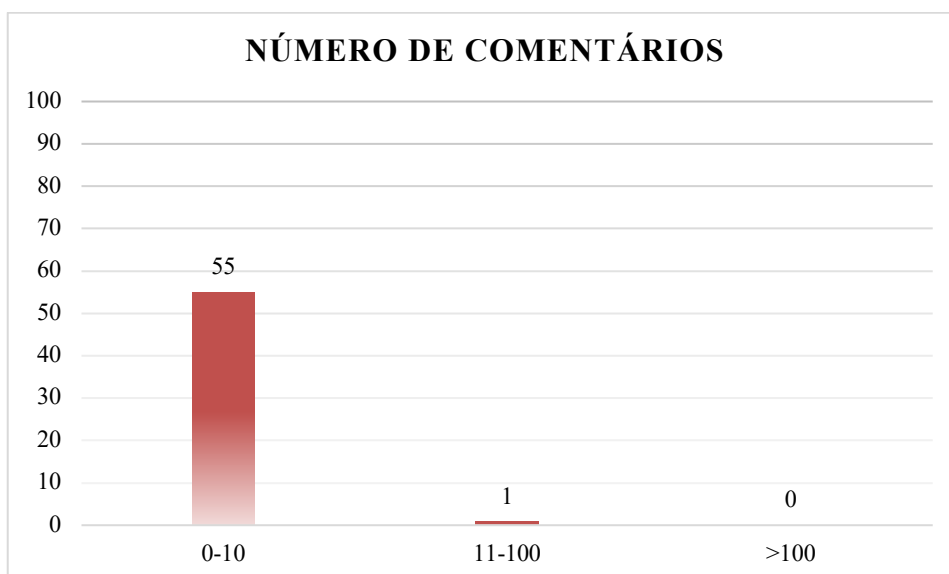


Gráfico 11 – Número de comentários (Breonna Taylor)

O caso de George Floyd apresenta, mais uma vez, valores equiparáveis em relação a Breonna Taylor – a maioria do corpus encontra-se alocada no intervalo compreendido entre os 0 e os 10 comentários - sendo que, 19 dos conteúdos não obteve qualquer comentário e a única publicação que obteve mais de 100 comentários teve um total de 122.

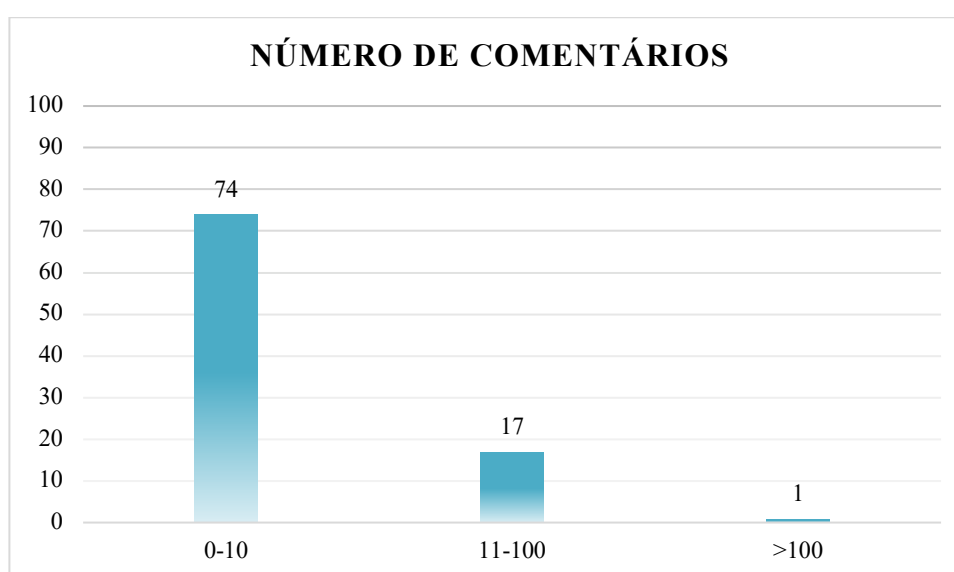


Gráfico 12 – Número de comentários (George Floyd)

V. 7. Número de *retweets* com comentário (quote)

Sendo 299 o número máximo de *retweets* com comentário numa publicação, a divisão foi feita a partir de três intervalos com as seguintes amplitudes: 1-20; 21-200; >200.

Relativamente ao caso de Breonna Taylor, foi recolhida um corpus de valores compreendidos entre os 0 e os 27 onde, em 56 publicações, 45 não obtiveram *retweets* com comentário e apenas uma publicação excedeu os 21 *retweets* com comentário. O intervalo que consta com mais publicações encontra-se entre 0-20.

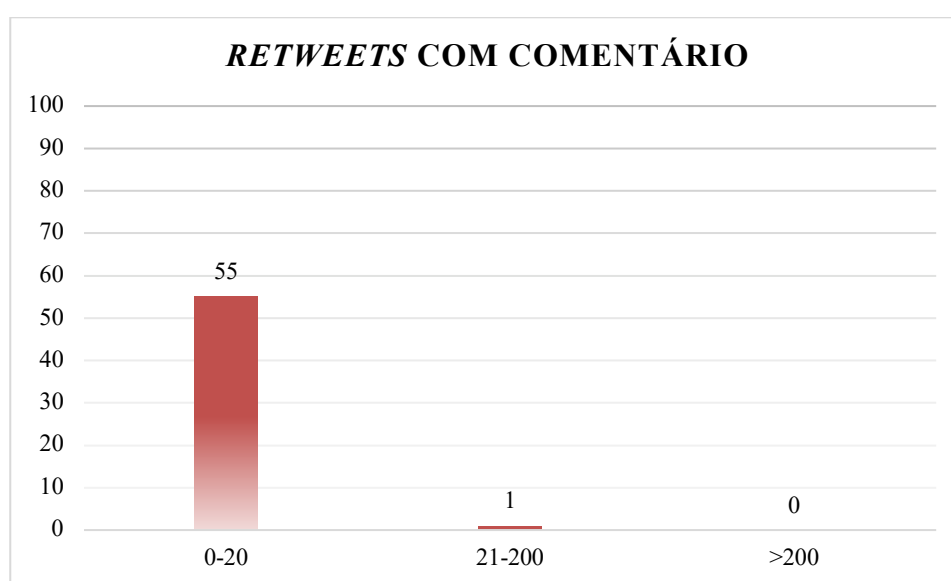


Gráfico 13 – Número de *retweets* comentário (Breonna Taylor)

Já no caso de George Floyd, o corpus recolhido apresentou valores compreendidos entre os 0 e as 299 publicações com *retweets* com comentário, onde 49 obtiveram um total de 0 *retweets* com comentários. As duas publicações com maior número de *retweets* com comentários apresentavam 212 e 299. A esmagadora maioria encontra-se no primeiro intervalo (0-20).

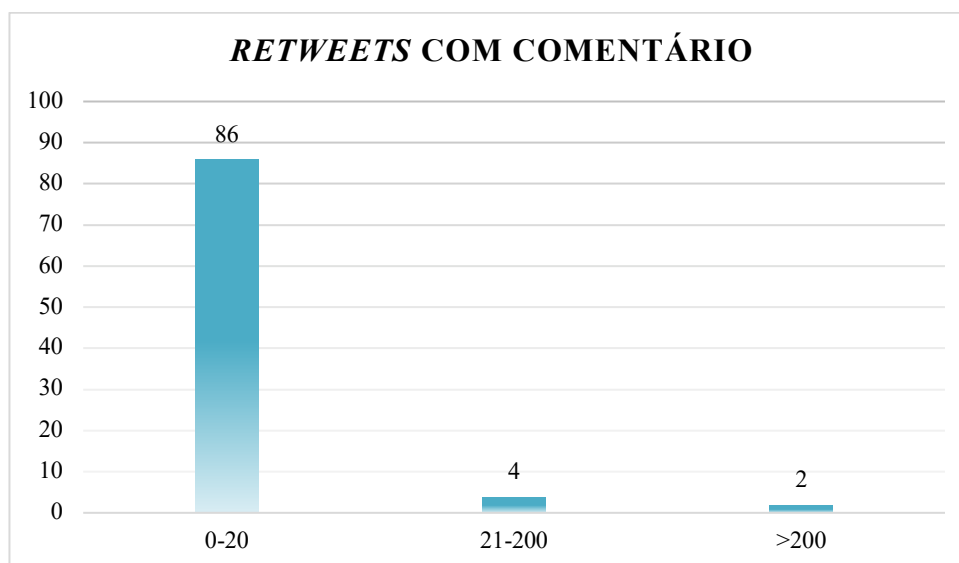


Gráfico 14 – Número de retweets comentário (George Floyd)

V. 8. Análise dos tweets

Para as categorias Atitude, Tema e Sentimento, todos os *tweets* de Breonna Taylor e George Floyd foram analisados individualmente e de forma totalmente pessoal. O objetivo seria, contemplando cada publicação, atribuir-lhe um significado e interpretar os produtores destes conteúdos assim como a mensagem que cada *tweet* carrega.

Como podemos observar na Tabela 2, onde está condensada e dividida por categorias, a análise da mensagem das 148 publicações do corpus – 56 de Breonna Taylor e 92 de George Floyd - e intenção dos produtores de conteúdos.

V. 8. 1. Breonna Taylor

V. 8. 1. 1. Atitude (do produtor de conteúdo)

Após análise dos 56 *tweets* referentes a Breonna Taylor, onde se estabeleceu uma divisão com seis tipos de possíveis atitudes adotadas pelo produtor de conteúdo – Apelo à contestação; Apoio ao movimento; Demonstração de sentimento de injustiça / indignação; Comparação com outro movimento; Crítica ao movimento; Informativo - conclui-se que a sua maioria adota um registo de demonstração de sentimento de

injustiça/indignação e que nenhum dos *tweets* visa estabelecer uma comparação com outro movimento ou criticar o movimento em questão.

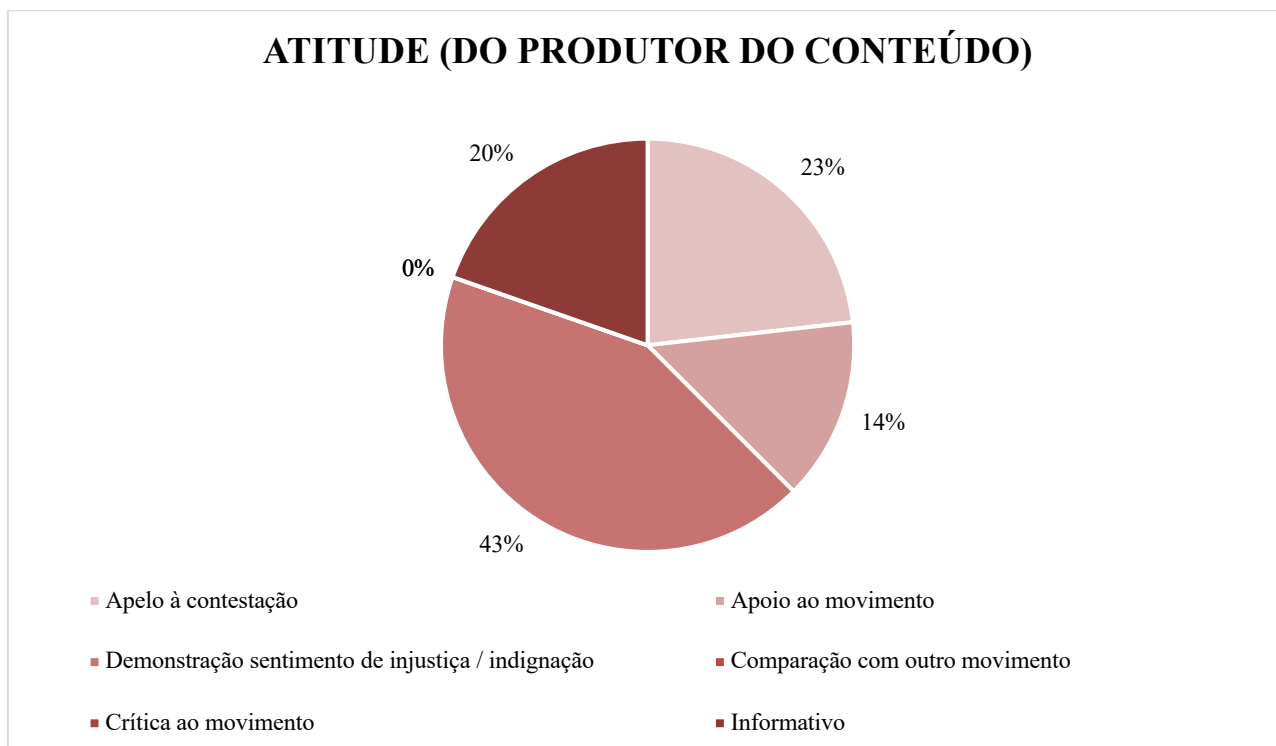


Gráfico 15 – Atitude (Breonna Taylor)

V. 8. 1. 2. Tema (do conteúdo)

É importante frisar que, embora tenha sido feita esta divisão, todos os *tweets* referentes ao caso de Breonna Taylor estão inseridos nesse mesmo contexto. Ainda assim, procurei fazer uma análise mais profunda de forma a tentar perceber, para além do que já se sabia, qual o conteúdo da publicação.

Os principais temas referidos foram, pouco mais de metade dos conteúdos, sobre Breonna Taylor (ou seja, o *tweet* falava exclusivamente sobre ela e não cruzava com nenhum outro assunto), e os restantes sobre racismo e violência policial contra negros.

Se estabelecermos uma ligação entre o tema dos conteúdos e atitude/intenção de quem os publicou podemos depreender que as reações ao caso de Breonna Taylor foram de insatisfação perante a causa da sua morte - violência policial contra negros e racismo - e que invocam uma atitude de depreciação (ao público que os lê) relativamente a essas

temáticas. Para além disso, embora menos, também se observam manifestações de apoio ao movimento *Black Lives Matter* e conteúdos meramente informativos sobre os temas.

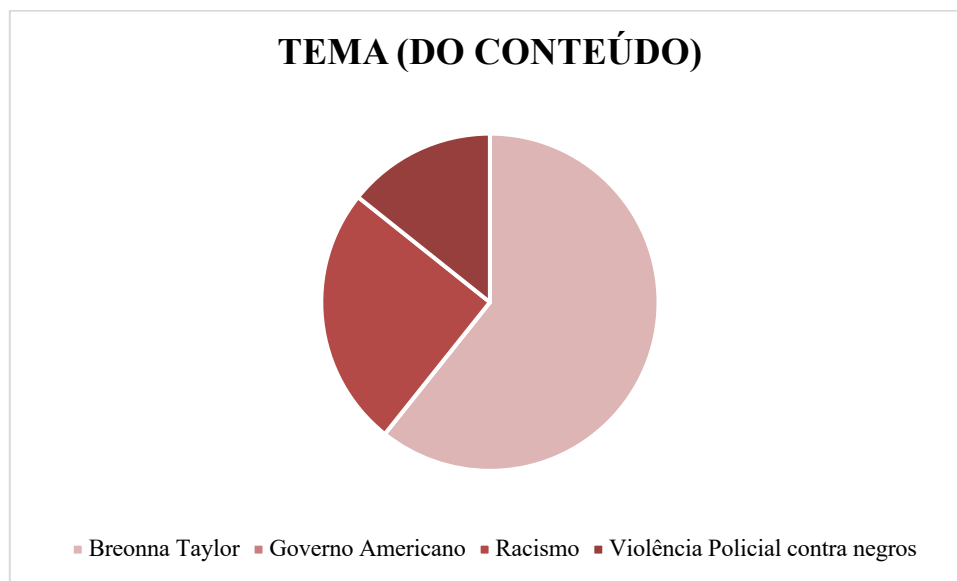


Gráfico 16 – Tema (Breonna Taylor)

V. 8. 1. 3. Sentimento

Por último, identificou-se a natureza do envolvimento ao tema e dividiu-se em três tipos de sentimento: negativo, positivo ou neutro.

Relativamente aos conteúdos relacionados com Breonna Taylor verificou-se que a esmagadora maioria se manifestava a favor do movimento (positivo) - como foi possível verificar anteriormente através das atitudes em relação aos temas – e que os mesmos 11 conteúdos ‘neutros’ acerca do caso são de natureza informativa.

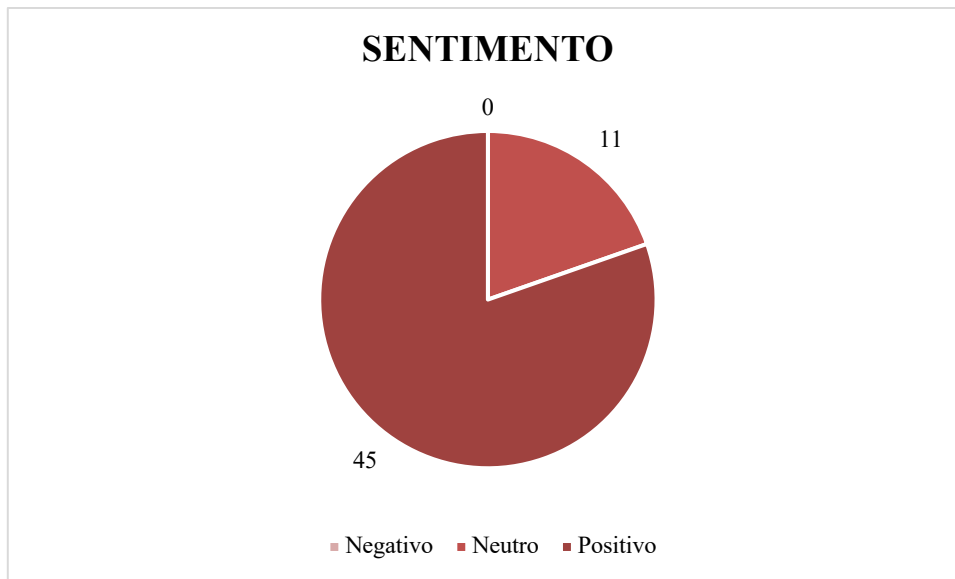


Gráfico 17 – Sentimento (Breonna Taylor)

V. 8. 2. George Floyd

V. 8. 2. 1. Atitude (do produtor de conteúdo)

Tal como foi feito no caso de Breonna Taylor, também no caso de George Floyd se organizou os *tweets* em seis tipos de atitudes/intenções (do produtor do conteúdo), embora os resultados se mostrem bastantes distintos. Para além da maioria dos conteúdos ser de cariz informativo – o que revela um menor comprometimento com este caso em comparação com os *tweets* relacionados com Breonna Taylor – temos 2 conteúdos que constituem uma crítica ao movimento e 7 que comparam o *Black Lives Matter* a outros movimentos. Apenas 46 produtores de conteúdos (ou seja, metade do corpus) é que se mostram realmente indignados ou perturbados com uma situação (que à partida estará relacionada com George Floyd) e incentivam o seu público a manifestar-se contra isso.

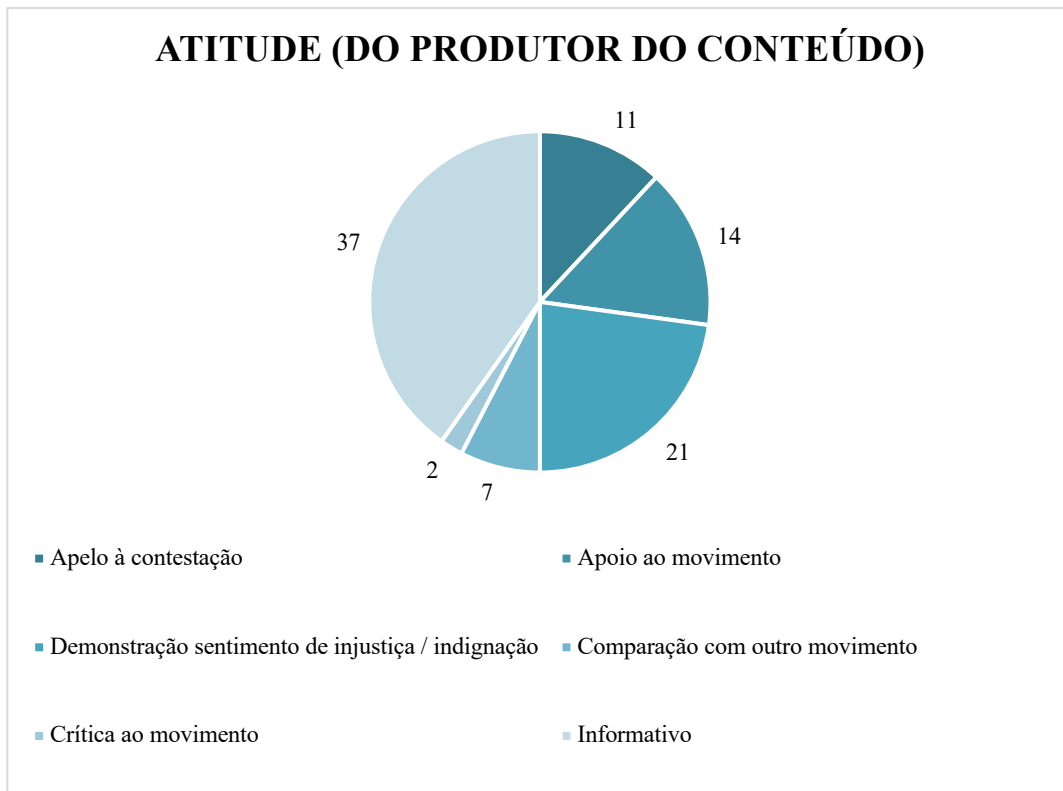


Gráfico 18 – Atitude (George Floyd)

V. 8. 2. 2. Tema (do conteúdo)

Relativamente a esta categoria, os dois casos apresentam valores semelhantes para cada tema. George Floyd, como seria expectável, é o tema que gerou maior número de publicações dentro do corpus recolhido. É também, por 5 vezes, feito algum tipo de referência ao governo americano, algo que não aconteceu no caso de Breonna Taylor.

Embora menos evidente do que os gráficos de Breonna Taylor, podemos retirar – ao cruzar esta categoria com as atitudes/intenções - que há menos concordância nas publicações em relação aos temas e que a violência policial contra negros é mais vezes abordada.

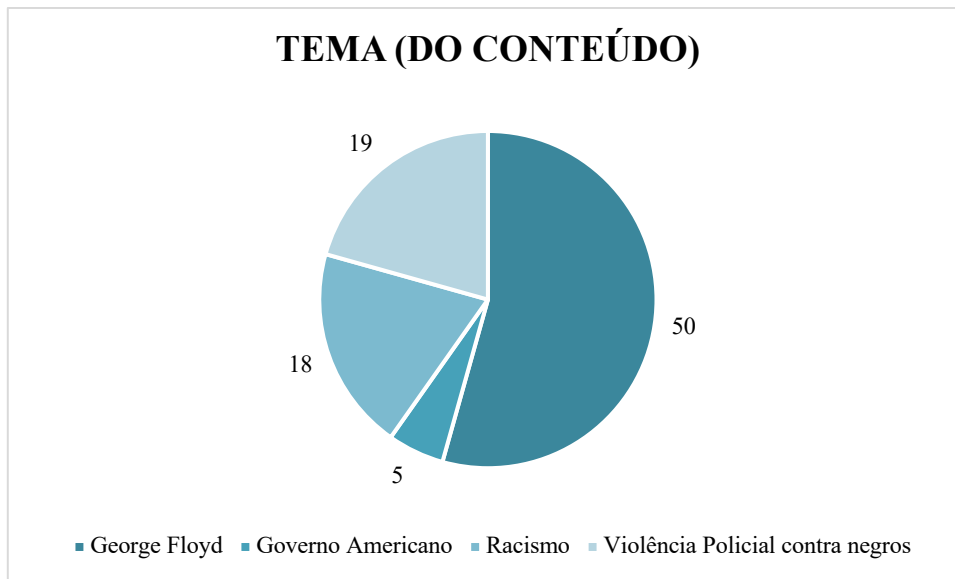


Gráfico 19 – Tema (George Floyd)

V. 8. 2. 3. Sentimento

Quanto à natureza do envolvimento ao tema (se seria negativo, positivo ou neutro), o caso de George Floyd tem uma percentagem de neutralidade (cerca de 35%) superior relativamente a Breonna Taylor (cerca de 20%) e tem também 4 publicações de utilizadores que desprezam ou depreciam de alguma forma o movimento *Black Lives Matter*. Estes dados mostram-nos que, relativamente às publicações feitas associadas a George Floyd, não há unanimidade relativamente ao sentimento, embora a maioria se apresente favorável relativamente ao caso e ao movimento.

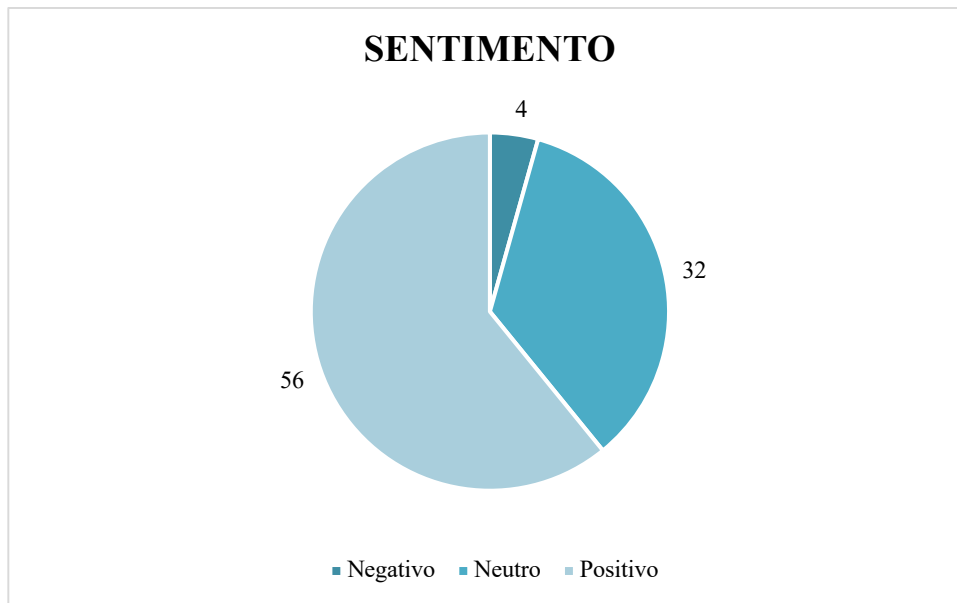


Gráfico 20 – Sentimento (George Floyd)

V. 9. *Engagement* relativo e *engagement* bruto

De forma a averiguar o nível de interação obtida por este conteúdo, foi calculado o *engagement* relativo, que deveria apurar o grau de interação do *tweet* face ao que seria expectável em referência ao tipo de perfil (de quem produziu o *tweet*). A média do *engagement rate* de Breonna Taylor foi de 1% (0,01), sendo que o menor valor obtido foi de 0% (0,00) e maior foi de 16% (0,16), embora este valor não seja muito significativo uma vez que o resultado do cálculo da moda foi 0% (0,00). Por outro lado, com o cálculo do *engagement* bruto, onde foi averiguado o número total de reações em cada publicação, verificou-se que o *tweet* com menos reações obteve um total de 0, e aquele com maior número de reações obteve um total de 603 reações. A média de reações obtidas foi de cerca de 35 (34,91) e a moda foi novamente 0.

Relativamente ao caso de George Floyd, o *engagement* relativo variou entre 0% (0,00) - valor mínimo obtido - e 30,13% (0,3013) – valor máximo obtido -, com uma média de 1,75% (0,175) e moda de 8% (0,08). Já o *engagement* bruto, onde o *tweet* com menor número de reações obteve um total de 0 e o *tweet* com maior número de reações obteve 2627, contou com uma média de cerca de 193 reações (193,07) e moda de 37 reações.

Esta categoria é importante na medida em que nos dá percepção do impacto que o movimento teve no Twitter. Estes valores podem não ter grande significado se olharmos

para eles de forma isolada, mas se compararmos, por exemplo, o *engagement* bruto total com o universo total de seguidores de cada um – ou seja, todas as pessoas que, à partida, têm acesso à publicação – concluímos que, em relação a Breonna Taylor, em mais de 1 milhão de seguidores, os conteúdos relacionados com este tema reuniram apenas 1955 reações e em relação aos conteúdos de George Floyd, em mais de 20 milhões de seguidores, apenas de obteve um total de 17762 reações. É importante lembrar que um mesmo perfil pode gerar mais do que uma reação, pelo que se averiguássemos o número de reações originadas por perfil, iríamos certamente ter uma discrepância ainda maior.

V. 10. Co-Hashtags

Apesar da principal *hashtag* rastreada para esta dissertação ser *#BlackLivesMatter*, várias outras foram identificadas nas publicações de ambos os casos.

Foram apresentadas 28 ‘Co-hashtags’ no corpus de Breonna Taylor, sendo que as principais foram: *#BreonnaTaylor* ou *#breonnataylor*, dezoito (18) vezes referida; *#SayHerName* ou *#sayhername*, dezasseis (16) vezes referida; *#JusticeForBre*, seis (6) vezes referida; *#JusticeForBreonnaTaylor* quatro (4) vezes referida.

Relativamente ao caso de George Floyd, foi igualmente feito um levantamento de *co-hashtags* presentes nas publicações, e concluiu-se que as que foram mais referidas foram: *#StrikeforBlackLive* identificada seis (6) vezes; *#GeorgeFloyd* identificada cinco (5) vezes; *#BLM* ou *#blm* identificada quatro (4) vezes; e os *hashtags* *#JusticeInPolicing*, *#Manchester*, *#Palestine*, *#Racism*, *#WECANTBREATHE*, *#WeStandTogether* *againstracism*, foram identificados três (3) vezes.

Podemos verificar que há uma maior coerência nas *co-hashtags* identificadas nos tweets relacionados com Breonna Taylor. Já no caso de George Floyd, verificamos com uma grande dispersão relativamente aos temas associados ao caso.

V. 11. Identificações

À semelhança do que foi feito com as *co-hashtags*, foi feito um levantamento de todas as identificações feitas em cada publicação. No caso de Breonna Taylor, foram identificadas 10 páginas (no total) em 13 publicações (num total de 56), sendo que, das principais, *@AndyBeshearKY* – o Governador de Kentucky - foi identificado quatro (4) vezes; *@LMPD* - conta oficial do departamento da polícia de Louisville - foi identificada

quatro (4) vezes; @louisvillemayor - Greg Fischer, Major de Louisville, Kentucky - foi identificado três (3) vezes.

No caso de George Floyd, entre os 23 (num total de 92) *tweets* que têm outros perfis identificados, não há nenhum que se repita.

V. 12. Locais

Na categoria referente à localização, apenas duas das publicações apresentavam a localização onde o conteúdo tinha sido publicado: Austin (Texas) e North Bergen (New Jersey).

Também apenas duas publicações relacionadas com o caso de George Floyd referiam o local onde o *tweet* havia sido produzido: Manchester (Inglaterra) e Rio de Janeiro (Brasil).

V. 13. Imagens

Num corpus de 56 *tweets*, 14 apresentavam imagem (25%) no caso de Breonna Taylor. Já no caso de George Floyd, 45 publicações entre as 92 tinham imagem (cerca de 49%).

Relativamente às imagens, é possível observar que, entre um corpus de 148 publicações, 59 *tweets* eram acompanhados de uma imagem (cerca de 40%) embora nenhuma fosse particularmente chocante ou impactante.

CAPÍTULO VI: INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Breonna Taylor foi fatalmente baleada por polícias a 13 de março de 2020 aquando de uma execução de mandato de detenção. Este ato de violência resultou em grande indignação por parte da comunidade de Louisville que realizou vários protestos exigindo justiça. Cerca de dois meses depois, no dia 25 de maio, assistimos à morte do afroamericano George Floyd resultado de uma violenta detenção por parte de um polícia em Minneapolis, Minnesota. As imagens da detenção foram amplamente divulgadas na internet e nas redes sociais que motivaram a uma onda de manifestações nos Estados Unidos.

As datas das publicações recolhidas referentes às suas mortes estão concentradas em períodos de 2/3 semanas. No caso de Breonna Taylor, segundo a análise, o caso gerou maior interação apenas dois meses após a data da sua morte e o caso de George Floyd teve maior alcance cerca de um mês depois. Estes dados podem estar relacionados com o facto de os casos terem vindo a ganhar maior visibilidade algum tempo depois. Em relação às horas das publicações, cujos resultados da pesquisa são apresentados conforme o fuso horário em Portugal continental (GMT+1), tal como foi referido no capítulo anterior, foram organizadas por horários que corresponderiam ao fuso horário em Minneapolis, Minnesota (UTC-05:00 ou CDT): o palco principal das manifestações. No entanto, as manifestações ocorreram, não só por outros estados, mas pelo mundo inteiro. Por outro lado, embora tenha sido feita a recolha dos locais onde foram publicados os *tweets*, apenas foi possível identificar quatro locais e só um deles correspondia ao mesmo fuso horário (Austin, Texas). Desta forma, não foi possível fazer uma análise muito precisa em relação aos locais onde o movimento gerou maior interação entre os utilizadores do Twitter. Para além de que poderiam vir a revelar-se informações pertinentes num qualquer outro aspeto, esta categoria procurava encontrar alguma relação com momentos relevantes nas manifestações. Também a recolha da hora em que os *posts* eram realizados se mostrou pouco relevante uma vez que, não sendo possível identificar o local onde eram produzidos os conteúdos, não houve forma de encontrar um padrão e associar o horário a um momento específico. Quanto ao número de seguidores em relação à interação que as publicações geraram – analisados o *engagement* relativo e o *engagement* bruto – podemos verificar que os valores são muito baixos para o que seria expectável, não tendo grande alcance. Ainda que o valor de George Floyd tenha sido

ligeiramente superior, foi possível observar que as opiniões em relação a este caso divergiram muito mais em comparação com Breonna Taylor. Como podemos observar nos gráficos 15 e 18, apenas o caso de George Floyd conta com críticas ao movimento, e nos gráficos 17 e 20 mostram-nos que as publicações recolhidas de Breonna Taylor são todas positivas no sentido em que apoiam o caso/movimento ou informativas. No caso de George Floyd isso já não acontece. Isto não quererá certamente dizer que há pessoas que sentiram maior empatia por um caso do que pelo outro. A princípio quem condena a violência policial fá-lo-á nos dois casos. A questão é que o caso de George Floyd teve, em primeiro lugar, maior destaque mediático e depois resultou em dezenas de protestos que levaram muitas vezes à violência: algo que também aconteceu com Breonna Taylor mas em muito menor escala. Sendo o caso de George Floyd muito mais falado, é expectável que ocorram muito mais debates sobre isso e, conseqüentemente, muito mais opiniões.

A 20 de julho de 2020, vários manifestantes se juntaram à porta do procurador geral de Kentucky (Louisville) exigindo que o polícia que matou Breonna Taylor fosse acusado criminalmente. Embora este período não tenha sido contemplado durante a execução da dissertação para a recolha de *tweets* relativos a Breonna Taylor, há a possibilidade de este período conter várias publicações referentes a este protesto. Ainda assim, e como já foi referido anteriormente, a conta do departamento da polícia de Louisville foi identificada quatro vezes nas publicações analisadas. A decisão oficial do painel de jurados de Kentucky sai a 23 de setembro de 2020, e nenhum dos três polícias envolvidos foi acusado do homicídio, gerando assim, uma onda de tensões e intensificação de manifestações – que já estavam a decorrer uns dias antes - que começaram de forma pacífica e nessa noite, com a indignação dos manifestantes, terminou em violência.

Estas manifestações, que se formaram sob a bandeira do movimento *Black Lives Matter*, fundado em 2013, não se limitaram aos Estados Unidos ou ao movimento. À semelhança de outros movimentos como o #MeToo - que aumentou a consciencialização sobre o assédio sexual e levou mulheres a aumentarem as participações nas eleições americanas de 2018 - o movimento *Black Lives Matter* e o trágico homicídio executado por um polícia suscitaram discussões no mundo inteiro em torno do racismo, alargando os protestos aos vários continentes. Um amplo estudo efetuado por Christopher Barrie (2020) aferiu que a morte de George Floyd e a duração prolongada dos protestos levaram

a um maior interesse e consciencialização pelo tema na generalidade dos países considerados para a sua investigação, afetando as pesquisas em torno do racismo num intervalo de quatro semanas com um pico de interesse entre 1 a 4 de junho, que poderá ser facilmente justificado pelo número de protestos ocorridos nesse mesmo mês embora, do corpus recolhido, esse intervalo de datas não represente. Estes dados sugerem que episódios que desencadeiam uma agitação em massa à partida levarão a um maior interesse em questões relacionadas com a justiça.

Para além disso, com uma paralisação em massa nos Estados Unidos – a *Strike for Black Lives* – a 20 de julho, durante os protestos de George Floyd, que visava um aumento do salário mínimo, proteções mais fortes para sindicalização e saúde ampliada, e uma nova onda de protestos que ocorreu no mesmo mês na sequência de alguns episódios de violência entre ativistas e a polícia federal em Portland e outros acontecimentos decorridos na mesma semana, podemos estabelecer uma relação com um novo aumento de partilhas no Twitter sobre o tema que, tal como os gráficos sugerem, decorreram de 10 a 24 de julho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativamente às limitações desta dissertação, podemos considerar dois tipos: limitações globais e as limitações à análise executada. Podemos apontar limites globais no sentido em que existiu uma impossibilidade prática de cobrir outras redes sociais além do Twitter (como o Instagram e Facebook) o que nos dá uma informação limitada daquilo que foi efetivamente partilhado pelos utilizadores nas redes sociais. Por outro lado, temos a questão de tudo o que foi analisado no Twitter não poderia ser analisado ao longo do tempo por uma questão do prazo de que dispunha, pelo que as métricas recolhidas correspondem aos dados observados no intervalo em que foi feita a pesquisa, podendo – e certamente aconteceu – sofrer alterações se feitas num outro período. Os números de *likes*, *retweets*, *retweets* com comentário e comentários correspondem a valores recolhidos no momento da pesquisa. Qualquer outro período em que tivesse sido feita a pesquisa teria resultado em dados diferentes ainda que essa diferença seja insignificante. E por fim, ressaltar que os dados recolhidos através do Twitter são resultado de um algoritmo pelo que são apresentados de forma desconhecida.

Quanto às limitações da análise, iniciam-se logo no momento da pesquisa quando o número de publicações devolvidas pelo Twitter é bastante restrito: o corpus é composto por 148 elementos. Para uma investigação mais profunda, seria necessário aumentar o período definido ou não definir um intervalo. Haveria ainda uma outra possibilidade: a de ter usado ferramentas (*software*) especificamente concebidas para recolher informação de redes sociais, sendo que neste caso houve a impossibilidade prática de obter e familiarizar-me com essas ferramentas durante o tempo disponível para a pesquisa e redação da dissertação, daí a opção pelo método manual. O motivo pela qual foi definido um intervalo, foi a crença de que, durante o período imediatamente após a morte de Breonna Taylor e George Floyd, teria maior interação. Isto aliado ao facto de que as manifestações presenciais decorreram pela mesma altura. De qualquer forma, e observando a heterogeneidade do corpus, esse padrão não iria, muito provavelmente, verificar-se.

Relativamente à categoria referente ao sentimento (negativo, positivo ou neutro) dos utilizadores que publicaram os *tweets*, está assente numa interpretação pessoal pelo

que, não sendo uma ciência exata, poderá ser refutável. O mesmo acontece com a categoria referente à atitude demonstrada nas publicações.

É importante também referir que a categoria relativa ao *engagement* total do Twitter não é verdadeiramente mensurável por não ser possível calcular todas as métricas necessárias para o seu alcance real. Ou seja, apenas é possível fazer uma estimativa tendo em consideração as interações geradas na publicação e número de seguidores, mas por questões práticas e limites temporais, não é possível avaliar os *tweets* referentes ao movimento Black Lives Matter em comparação com os restantes *tweets* realizados por cada utilizador. Para obter uma melhor avaliação do *engagement* total, seria necessário avaliar o *engagement* de cada perfil através da análise de todos os conteúdos publicados ou, pelo menos, de um corpus considerável e perceber se o *tweet* do movimento se encontrava dentro dos valores obtidos por esses cálculos.

Relativamente às imagens, não havendo nenhuma que fosse particularmente impactante ou chocante, a análise desta categoria não se mostrou – em nenhum dos dois casos – particularmente relevante. Através da Tabela 1 foi realizada uma comparação entre o *engagement* (total e bruto) e os *tweets* com imagem. Verificando-se que não havia uma associação entre as imagens e os valores de *engagement*.

Os homicídios através da violência policial de Breonna Taylor, George Floyd e outros afroamericanos provocou indignação a nível mundial. Estima-se que 15 a 26 milhões de pessoas nos EUA tenham participado nos protestos do Black Lives Matter em 2020. Estes protestos foram realizados através de manifestações na rua, apesar das recomendações de distanciamento social durante a pandemia de COVID 19, tornando a sua magnitude ainda mais notável. A sua grandeza foi provavelmente impulsionada, em grande parte, pelo ativismo no Twitter e outras redes sociais. (Nguyen et al., 2021)

Embora a utilização das redes sociais pelos organizadores do movimento não tivesse sido inicialmente projetada e planeada com um propósito específico, estas tornaram-se fundamentais para mobilizar recursos dentro e fora dos EUA, criar ligações entre o *Black Lives Matter* e outros movimentos, e para controlar a narrativa do movimento, criando consciência e visibilidade para as temáticas abordadas pelo movimento. Além disso, as ferramentas das redes sociais facilitam a amplificação da mensagem. Por outro lado, são também um canal aberto para uma narrativa de oposição direta que tem obviamente influência nas mudanças do discurso público por ampliar narrativas não dominantes. A relevância de uma mudança discursiva ou cultural para a

escala do movimento ilustra ainda mais o papel que as redes sociais tiveram na ampliação do movimento. (Mundt et al., 2018)

Mas ainda que as redes sociais tenham uma função importante na ampliação do movimento, também há limites na sua utilização para o ativismo digital. Em primeiro lugar porque a plataforma por si só não poderá sustentar um movimento que visa uma mudança social. Essa mudança só poderá ser traçada combinando as redes sociais com um formato tradicional de organização. O fenômeno dos movimentos sociais digitais leva a que as pessoas sintam que alcançaram algo através da sua participação online. E embora também essa participação seja importante, é necessário que haja um envolvimento maior com a causa e com os próprios apoiantes da causa. Isto porque toda essa amplitude online propicia uma adoção de símbolos que não estão totalmente alinhadas com o movimento - e que não podem ser controlados - que poderão estar a promover valores alheios à causa em questão. Por exemplo, encontramos inúmeros grupos administrados por pessoas solidárias ao movimento, mas que não estão afiliadas ao Black Lives Matter. Alguns desses grupos, promovem apenas a consciencialização sobre a violência policial contra negros, mas o movimento vai muito além disso. (Mundt et al., 2018)

Por último, o que verdadeiramente se ambiciona descobrir, é a forma como um *tweet* pode influenciar a sua audiência. Do que sabemos até então, é que o ativismo digital cresceu com o uso político do Twitter. Os utilizadores tornaram-se mais inquisitivos, interessados e informados, obrigando todos os utilizadores a entrarem nessa corrente e a participarem na vida (digital) política. Um estudo realizado por Nguyen et al. (2021), concluiu que houve uma diminuição do sentimento negativo relativamente a negros na primavera de 2020 e que houve também uma maior discussão relativamente ao racismo estrutural, maior introspeção de preconceitos individuais e apelos mais urgentes para uma ação coletiva no combate ao racismo. Estes resultados indicam que houve uma maior consciencialização relativamente ao racismo e desejo de uma mudança estrutural. Em junho de 2020 assistimos a uma expansão a nível mundial do tema e a um consequente aumento da profundidade dos apelos por uma mudança que incluíram petições, protestos e votar (ainda que vários tenham sido também os contramovimentos que criticaram o Black Lives Matter e mencionaram estereótipos de violência negra). No entanto, isso não quer dizer que o racismo tenha diminuído e que essas mudanças não sejam transitórias por estarem associadas a eventos sociais e não terem o envolvimento necessário para promoverem efetivas mudanças sociais.

Para que a investigação fosse mais profícua seria necessário um acompanhamento mais duradouro da comunicação feita sobre o movimento e recorrer a outras plataformas de redes sociais. Após a recolha desses dados deveria cruzar-se essa informação com notícias, de forma a perceber se o ativismo digital efetivamente provocou algum tipo de mudança - quer seja através de manifestações presenciais, na mentalidade da comunidade ou a nível estrutural - e que mudanças se verificaram no tipo de comunicação utilizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(2020). Policial é acusado da morte de Breonna Taylor em tiroteio nos EUA [Review of *Policial é acusado da morte de Breonna Taylor em tiroteio nos EUA*]. *Estado de Minas*.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/09/23/interna_internacional,1188289/policial-e-acusado-da-morte-de-breonna-taylor-em-tiroteio-nos-eua.shtml

Agências, C. Q. C. (2021, março 12). *Família de George Floyd vai receber indenização de 27 milhões de dólares*. TSF Rádio. <https://www.tsf.pt/mundo/familia-de-george-floyd-vai-receber-indemnizacao-de-27-milhoes-de-dolares-13452122.html>

Anderson, M., & Hitlin, P. (2016). The hashtag# BlackLivesMatter emerges: Social activism on Twitter. *Pew Research Center*, 15

Barrie, C. (2020). Searching Racism after George Floyd. *Socius: Sociological Research for a Dynamic World*, 6, 237802312097150. <https://doi.org/10.1177/2378023120971507>

Bell, D. (2006). *Cyberculture Theorists: Manuel Castells and Donna Haraway*. Routledge.

Benkler, Y. (2002). Coase's Penguin, or, Linux and The Nature of the Firm. In: *Yale Law Journal* 112, n. 3. Disponível em: <http://www.benkler.org/CoasesPenguin.PDF>

Borgghi, J. M. (2021). Netativismo no século XXI: o fortalecimento dos movimentos sociais na hashtag “black lives matter”. *Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais*, 1(4).

Bruns, A., & Burgess, J. (2011). The use of Twitter hashtags in the formation of ad hoc publics. In *Proceedings of the 6th European consortium for political research (ECPR) general conference 2011* (pp. 1-9). The European Consortium for Political Research (ECPR).

Carty V., Reynoso Barron F.G. (2019) *Social Movements and New Technology: The Dynamics of Cyber Activism in the Digital Age*. In: Berberoglu B. (eds) *The Palgrave Handbook of Social Movements, Revolution, and Social Transformation*. Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-92354-3_16

Cassiano, A. M. (2011). *Ativismo a partir das redes sociais* [Undegraduate Dissertation].

Castells, M., Roneide Venâncio Majer, Klauss Brandini Gerhardt, & Fernando Henrique Cardoso. (2008). *A sociedade em rede*. São Paulo Paz E Terra.

Castells, Manuel. *A sociedade em rede*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Coelho, P. M. F., & Costa, M. R. M. (2013). O ativismo digital reflexões e apontamentos semióticos. *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, (08).

Cordeiro, P. (2020, setembro 24). Protestos contra o racismo nos EUA: afinal o que está em causa na morte de Breonna Taylor? *Expresso*. <https://expresso.pt/internacional/2020-09-24-Protestos-contr-o-racismo-nos-EUA-afinal-o-que-esta-em-causa-na-morte-de-Breonna-Taylor->

De Moraes, D. (2001). O ativismo digital. *Biblioteca online de ciências da comunicação*

DeHoratius, E. (2018). *BLACK LIVES MATTER: BLM's Use of Media and Digital Platforms Analyzed through Works by Merlyna Lim, Todd Wolfson, and Sasha Costanza-Chock*.

Diani, M. (1992). The concept of social movement. *The Sociological Review*, 40, 1–25. doi:10.1111/j.1467-954X.1992.tb02943.x

DN/Lusa. (2020, julho 9). *George Floyd avisou cerca de 20 vezes que não conseguia respirar*. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/mundo/george-floyd-avisou-cerca-de-20-vezes-que-nao-conseguia-respirar-12403461.html>

Edrington, C. L., & Lee, N. (2018). Tweeting a social movement: Black Lives Matter and its use of Twitter to share information, build community, and promote action. *The Journal of Public Interest Communications*

Ferreira da Silva, I. da G. (2014). *Emoções Visuais* [MSc Thesis].

Ferreira, I. (2002). Psicologia da imagem: um retrato do discurso persuasivo na Internet. *I Novos Media e Cidadania*, 21.

Fiorin, J. L. (2014). *Linguagem e ideologia* (1st ed.). Atica.

Fiorin, José Luiz. (1999). Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *Revista D.E.L.T.A.*, vol.15, no 1

Fortin, M.-F., Côté, J., & Françoise, F. (2009). Fundamentos e etapas do processo de investigação. Lisboa, Portugal: Lusodidacta.

Freelon, D., McIlwain, C. D., & Clark, M. (2016). Beyond the hashtags:# Ferguson,# Blacklivesmatter, and the online struggle for offline justice. *Center for Media & Social Impact, American University, Forthcoming*.

Gallagher RJ, Reagan AJ, Danforth CM, Dodds PS (2018) Divergent discourse between protests and counter-protests: #BlackLivesMatter and #AllLivesMatter. *PLoS ONE* 13(4): e0195644. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0195644>

Gill, R., & Orgad, S. (2018). The shifting terrain of sex and power: From the ‘sexualization of culture’ to # MeToo. *Sexualities*, 21(8), 1313-1324

Gladwell, M. (2010). A revolução não será tuitada. *Observatório da Imprensa*, 14, 12.

Global Media Group. ([s.d.]). *George Floyd*. DN. Recuperado 15 de março de 2022, de <https://www.dn.pt/tag/george-floyd.html>

Gomes, M. D. S. (2012). Ativismo social digital: a inserção dos movimentos sociais de Manaus nas redes on-line.

Harber, K. D., Podolski, P., & Dyer, L. (2014). Hearing stories that violate expectations leads to emotional broadcasting. *Journal of Language and Social Psychology*

Henriques, M. S. (2007). Ativismo, movimentos sociais e relações públicas. *Relações públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora*, 92-104.

Henriques, M. S. (2013). *Comunicação e Estratégias de Mobilização Social* (B. Horizonte, Ed.; 3rd ed.). Autêntica.

<https://digitalmarketing.temple.edu/wp-content/uploads/sites/251/2018/09/Black-Lives-Matter-Use-of-Media-and-Digital-Platforms.pdf>

Ince, J., Rojas, F., & Davis, C. A. (2017). The social media response to Black Lives Matter: how Twitter users interact with Black Lives Matter through hashtag use. *Ethnic and Racial Studies*, 40(11), 1814–1830. <https://doi.org/10.1080/01419870.2017.1334931>

Jenkins, H. (2009). *Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st century* (p. 145). The MIT Press.

Joly, M. (2007). *Introdução à Análise da Imagem* (1a ed). Lisboa: Edições 70.

Joyce, M. (2010). Infrastructure: Its transformations and effect on digital activism. *Digital activism decoded: The new mechanics of change*, 17-31.

Keib, K. & Uga, I. (2016). Important Tweets Matter: Predicting Retweets in the #blacklivesmatter Talk on Twitter.

Kivran-Swaine, F., Govindan, P., & Naaman, M. (2011, May). The impact of network structure on breaking ties in online social networks: unfollowing on twitter. In *Proceedings of the SIGCHI conference on human factors in computing systems*

Lemos, A. (1997). Anjos interativos e retribalização do mundo. *Sobre interatividade e interfaces digitais*.

Lemos, A., & Cunha, P. (2003). *Olhares sobre a Cibercultura*. Editora Sulina.

Lévy, P. (1998). A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista Famecos*, 5(9), 37-49.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura* (coleção TRANS, Ed.; C. I. da Costa, Trans.; 1st ed.) [Review of *Cibercultura*]. Editora 34.

Lima, J. R. B. (2020). Além do Twitter: o uso da rede social por Donald Trump.

Lupton, D. (2015). *Digital Sociology*. London: Routledge.

Marteleteo, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

McLuhan, M. (1974). *Os meios de comunicação: como extensões do homem*. Editora Cultrix.

Mendes, K., Ringrose, J., & Keller, J. (2019). *Digital feminist activism: Girls and women fight back against rape culture*. Oxford University Press.

Minuto, N. ao. (2021, abril 26). *Morte de Breonna Taylor: Polícia de Louisville vai ser investigada*. Notícias ao Minuto. <https://www.noticiasao minuto.com/mundo/1740727/morte-de-breonna-taylor-policia-de-louisville-vai-ser-investigada>

Monge, Y. (2020, setembro 24). *Manifestantes voltam às ruas dos EUA contra impunidade policial na morte de jovem negra*. El País Brasil. <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-09-24/manifestantes-voltam-as-ruas-dos-eua-contra-impunidade-policial-na-morte-de-jovem-negra.html>

Mundt, M., Ross, K., & Burnett, C. M. (2018). Scaling social movements through social media: The case of Black Lives Matter. *Social Media+ Society*, 4(4), 2056305118807911.

Naveed, N., Gottron, T., Kunegis, J., & Alhadi, A. C. (2011, June). Bad news travel fast: A content-based analysis of interestingness on twitter. In *Proceedings of the 3rd international web science conference*

Nguyen, T. T., Criss, S., Michaels, E. K., Cross, R. I., Michaels, J. S., Dwivedi, P., ... & Gee, G. C. (2021). Progress and push-back: How the killings of Ahmaud Arbery, Breonna Taylor, and George Floyd impacted public discourse on race and racism on Twitter. *SSM-population health*, 15, 100922.

Ozgen, O. (Ed.). (2019). *Handbook of Research on Consumption, Media, and Popular Culture in the Global Age*. IGI Global.

Parlamee, J. (2012). *The agenda-building function of political tweets*, *New Media &*

Peruzzo, C. M. K. (1998). *Comunicação nos movimentos populares: A participação na construção da cidadania*. Vozes.

Protestos espalhados pelo mundo apoiam movimento “Black Lives Matter”. (2020, junho 6). G1. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/06/protestos-espalhados-pelo-mundo-apoiam-movimento-black-lives-matter.ghtml>

Quivy, R. e Compenhoudt, L. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Grádiva, 1992

Recuero, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Reuters, & P. (2020, dezembro 11). *Black Lives Matter: um Verão de luta pela justiça racial na América*. Público. <https://www.publico.pt/2020/12/11/p3/noticia/black-lives-matter-verao-luta-justica-racial-america-1942535>

Rizzotto, Carla & Meyer, Natasha & Sousa, Fernanda. (2017). Ativismo digital: uma análise da repercussão de campanhas feministas na internet. *Rizoma*. 5. 124. 10.17058/rzm.v5i1.8604.

Rogers, R. (2013, May). Debanalizing Twitter: The transformation of an object of study. In *Proceedings of the 5th annual ACM web science conference* (pp. 356-365).

Santaella, L., & Winfried Nöth. (2004). *Comunicação e semiótica*. Hacker Editores.

Sebastião, S. P. (2012). O ativismo like: as redes sociais e a mobilização de causas. *Sociedade E Cultura*, 15(1). <https://doi.org/10.5216/sec.v15i1.20673>

Shaw, F., Burgess, J., Crawford, K., & Bruns, A. (2013). Sharing news, making sense, saying thanks: Patterns of talk on Twitter during the queensland floods. *Australian Journal of Communication*, 40(1)

Silva, T. T. (2012). Imagens da Primavera Árabe: estética, política e mídias digitais. *Galáxia*

Silva, T., 2016. Ativismo Digital E Imagem: Estratégias De Engajamento E Mobilização Em Rede. [ebook] Jundiaí: Paco Editorial. Available at: <https://www.academia.edu/30960373/Ativismo_Digital_e_Imagem_estratégias_de_engajamento_e_mobilização_em_rede> [Accessed 25 September 2020].

Sivitanides, M., & Shah, V. (2011). The era of digital activism. In *Conference for Information Systems Applied Research* (Vol. 4, No. 1842) Society.

Sloan, D. (2021). O que mudou um ano após a morte de George Floyd? [Review of *O que mudou um ano após a morte de George Floyd?*]. DW. <https://www.dw.com/pt-br/o-que-mudou-um-ano-após-a-morte-de-george-floyd/a-57655658>

The Huffington Post Canada. (2016, julho 15). *Those who say “all lives matter” think black people don’t count, Black Lives Matter Toronto co-founder says*. HuffPost.

https://www.huffingtonpost.ca/2016/07/15/all-lives-matter-black-lives-matter_n_10967028.html

The New York Times. (2021, novembro 1). How George Floyd died, and what happened next. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/article/george-floyd.html>

Toro, J. B., & Werneck, N. M. D. F. (1996). *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. Autêntica.

Vicente, D. B. (2021, junho 3). *Acusação pede 30 anos de prisão para polícia que matou George Floyd*. Público. <https://www.publico.pt/2021/06/03/mundo/noticia/acusacao-pede-30-anos-prisao-policia-matou-george-floyd-1965157>

Wang, C., Wang, P., & Zhu, J. J. H. (2013). Discussing occupy wall street on Twitter: Longitudinal network analysis of equality, emotion, and stability of public discussion. *CyberPsychology, Behavior & Social Networking*, 16(9), 679-685. doi:10.1089/cyber.2012.0409

Wikipedia contributors. ([s.d.]). *Morte de Breonna Taylor*. Wikipedia, The Free Encyclopedia.

https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Morte_de_Breonna_Taylor&oldid=62583534

Xiong, Y., Cho, M., & Boatwright, B. (2019). Hashtag activism and message frames among social movement organizations: Semantic network analysis and thematic analysis of Twitter during the# MeToo movement. *Public relations review*, 45(1).

ANEXOS

